

EDUARDO TEIXEIRA DE CARVALHO JUNIOR

VERNEY E A QUESTÃO DO ILUMINISMO EM PORTUGAL

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em História,
Curso de Pós-Graduação em História,
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná

Orientador: Prof. Renato Lopes Leite
Co-orientador: Prof. Vinícius de Figueiredo

CURITIBA
AGOSTO DE 2005

TERMO DE APROVAÇÃO

EDUARDO TEIXEIRA DE CARVALHO JUNIOR

VERNEY E A QUESTÃO DO ILUMINISMO EM PORTUGAL

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof^o Dr^o Renato Lopes Leite
Departamento de História UFPr

Prof.^o Dr^o Vinícius de Figueiredo
Departamento de Filosofia UFPr

Prof^o Dr^o Estevão Chaves de Rezende Martins
Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Helenice Rodrigues da Silva
Departamento de História UFPr

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO	9
1 ILUMINISMO: UM PROBLEMA CONCEITUAL	14
1.1 Iluminismo na Historiografia	14
1.1.2 Iluminismo nas Ciências Sociais	19
1.2 O AMBIENTE INTELECTUAL PORTUGUÊS	23
1.2.1 As Tentativas de Construção de uma Esfera Pública Literária	23
1.2.2 A Imprensa Portuguesa no Século XVIII	26
1.2.3 Pombal e seu Projeto Político	30
2 O PENSAMENTO MODERNO DE VERNEY	35
2.1 VERNEY: PORTUGUÊS OU COSMOPOLITA?	35
2.2 O SISTEMA VERNEYANO	38
2.3 VERNEY E A QUESTÃO DE GÊNERO	45
2.4 REFLEXÕES APOLOGÉTICAS	47
3 ARQUÉTIPOS DA MODERNIDADE PORTUGUESA	52
3.1 PARADOXO ENTRE ROMA E PORTUGAL	52
3.1.1 A consciência italiana	52
3.2 PORTUGAL E A CULTURA EUROPÉIA	55
3.2.1 A Lenda Negra	55
3.2.2 A Herança Negra	59
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
FONTES	76

LISTA DE ABREVIATURAS

VM - Verdadeiro Método de Estudar

RESUMO

Representações do espírito iluminista em Portugal no século XVIII não correspondem aos parâmetros de uma esfera pública habermasiana, mas esforços isolados na tentativa de constituí-la. Verney, o iluminista português estrangeirado, o crítico da cultura portuguesa setecentista, passou a maior parte de sua vida em Roma, de onde assistia ao atraso das idéias na comunidade letrada portuguesa. O espírito crítico não criou raízes em Portugal. Nenhum dos fenômenos associados ao Iluminismo teve expressividade em terras lusitanas, fenômenos estes representados pela suposta descoberta do homem mediante a razão e a expansão da comunidade de críticos através de clubes, salões, folhetos e jornais. Essa relação entre cultura e sociedade, abstrato e concreto, constitui uma articulação tensa, á qual Habermas atribui uma mudança estrutural da esfera pública. As idéias modernas chegaram a Portugal, porém não se desdobraram em debates e discussões públicas, ficando restritas a alguns focos isolados. Focos ilustrados pelos representantes deste movimento. Representantes como Verney, cujo projeto era tirar Portugal de seu atraso, ou seja, iluminá-lo.

Palavras-chave: Iluminismo; Verney; Portugal.

ABSTRACT

Representations of the Enlightenment spirit in Portugal during the XVIII century do not correspond to the parameters of a public "Habermasian" sphere, but isolated efforts in an attempt to get it constituted. Verney, the Portuguese enlightenment thinker, critic of the Portuguese culture during the eighteenth-century, spent most of his life in Rome. Where he watched the delay of the ideas in the Portuguese literate community. The critic spirit did not create roots in Portugal. The Enlightenment associated phenomenon had irrelevant effect in Portuguese lands. Such phenomenon, represented then by the discovery of man by reasoning and the community expansion of critics by clubs, parlors, magazines and journals. This relation between culture and society, the abstract and the concrete, constitute a tense articulation, to which Habermas attribute a structural change in the public sphere. Modern ideas arrived in Portugal. However, they did not unfold debates and public arguments, restricted to a few isolated spots. These spots are illustrated by the representatives of this movement. Representatives as Verney, whose project was removing Portugal from its delay, enlightening them.

Key-words : Enlightenment; Verney; Portugal.

Dedico este trabalho a minha noiva e futura
esposa Vanessa pelo apoio e incentivo.

Agradeço a toda minha família e amigos, que sempre me apoiaram nos momentos difíceis. Ao meu orientador, Renato Lopes Leite, pela dedicação e pela ética na orientação das pesquisas, e a Vinícius de Figueiredo, pela co-orientação.

INTRODUÇÃO

Saem à luz, Reverendíssimos Padres, as cartas de um autor moderno, as quais até agora correram manuscritas por algumas mãos; mas, chegando às minhas, e conhecendo eu que podiam utilizar a muitos, me resolvi imprimir-las. O argumento delas é este : Certo Religioso da Universidade de Coimbra, homem mui douto, como mostra nas suas cartas, pediu a um Religioso Italiano, seu amigo, que vivia em Lisboa, que lhe desse algumas instruções, em todo o gênero de estudos, o que dito Barbadinho executa em algumas cartas, explicando-lhe, em cada uma, o que lhe parece, e acomodando tudo ao estilo de Portugal. Este autor escreveu-as sem ao menos suspeitar que se poderiam imprimir, como consta de alguns períodos destas, que não imprimir, e de outras que conservo, em que declara com mais individuação o motivo desta correspondência, e explica várias coisas que aqui não se acham. Onde, para consolar o dito autor, que não sei se ainda vive, e fazer o que desejava, não imprimir senão as que me pareceram necessárias; e ainda nestas oculte os nomes dos correspondentes e de algumas pessoas, que nelas se nomeavam, parecendo-me justo e devido não revelar os segredos das correspondências particulares, principalmente quando podia conseguir o fim de utilizar o Público sem prejuízo de terceiro. As cartas encadeiam tão bem umas com outras, que se podem chamar um método completo de estudos.¹

A idéia central do presente trabalho é observar a possibilidade de uso do conceito de “esfera pública literária”² para Portugal do século XVIII, e dessa forma, analisar a inserção da cultura portuguesa no processo de mudanças do século XVIII. Nesse sentido, buscamos relacionar alguns aspectos centrais do Iluminismo dos grandes centros europeus, enfocando o caso português, tanto no que se refere ao pensamento quanto à dimensão social do movimento. Para refletir sobre essa questão, é apresentado Luís Antônio Verney, que, conforme a historiografia, teve um papel central nesse processo em Portugal e sua obra o

¹ Carta de apresentação do impressor Antônio Balle da obra Verdadeiro Método de Estudar, de Luis Antonio Verney, publicada em 1746 em Portugal.. Estudos Linguísticos, v. 1, p.2.

² Procuramos entender o Iluminismo associado ao conceito desenvolvido por Habermas de “esfera pública literária”. Este posicionamento teórico, que será explorado no primeiro capítulo deste trabalho, parte do princípio de que a instância das idéias possui estreita relação com as práticas sociais. A “esfera pública literária” encontra as suas instituições nos cafés, nos salões e nas comunidades de comensais. De acordo com Habermas, é condição *sine qua non* para o desenvolvimento de um espaço público de crítica. Provavelmente Habermas utilizou o conceito de “República das Letras”, expressão comum entre os *philosophes* do século XVIII, para refletir sobre a estrutura social que estava por traz do Iluminismo. Cf. HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p.42-68. Habermas tem sido referenciado por historiadores que investigam a História do Conhecimento. Peter Burke estende o conceito de “esfera pública” para outros momentos da História, como é o caso da China, por exemplo, e para outras matrizes sociais do conhecimento, nos lembra sobre a ligação entre o conhecimento e práticas sociais e a importância dos elementos que possibilitavam um elo entre idéias e indivíduos. Cf. BURKE, Peter. **Uma História social do Conhecimento**. p. 59, p. 51-52. BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar , 2004. p. 81.

Verdadeiro Método de Estudar, é contextualizada dentro do quadro geral do pensamento europeu do século XVIII.³

A partir do século XV, inicia-se um processo de reformulação do pensamento em toda a Europa. Acompanhado da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, este conjunto de transformações culminará com a “era da modernidade”. Da Renascença ao Iluminismo, a grande multiplicidade de temas ampliou o horizonte de idéias sobre o mundo, os homens e suas relações. Embora aparentemente dispersiva, essa multiplicidade de temas partia de um elemento comum: a razão.⁴

No que se refere ao campo das idéias, esse processo, que culminaria com o movimento denominado Iluminismo, tinha como característica principal a crítica da autoridade, da tradição cultural e institucional, fazendo uso da razão para dirigir o progresso da vida em todos os aspectos da sociedade. Essa definição genérica, que gera muita confusão, procuraremos discutir no primeiro capítulo. Sobre este aspecto, Robert Darnton, especialista do século XVIII, comenta sobre a percepção confusa do conceito de Iluminismo: “O Iluminismo inflado pode ser identificado com toda a modernidade, com quase tudo o que se agrupa sob o nome de civilização ocidental, e assim pode ser responsabilizado por quase tudo que causa descontentamento, especialmente nos campos dos pós-modernistas e antiocidentalistas.”⁵

Na gênese desse processo, a península Ibérica possui uma especificidade cultural e política, associada ao longo contato com o Islã e com a Contra-Reforma. Houve uma grande resistência às idéias dos chamados modernos.

Essa particularidade levaria a uma estreita relação entre os domínios político e religioso, de tal sorte que Espanha e Portugal teriam se fechado sobre si mesmos, negando a modernidade que nascia. Em relação ao posicionamento de Portugal perante a cultura européia do Renascimento, Dias compreende o problema da seguinte forma: “A cultura portuguesa não ficou completamente à margem desta corrente de idéias e conhecimentos. O que se tem dito em contrário é, quando menos exagerado. Ficou porém, à margem do ambiente que a tornou possível e do espírito que a caracteriza.”⁶

Pela sua importância e complexidade, esta questão tem suscitado interpretações várias, até mesmo contraditórias. Na historiografia do assunto, é muito comum o uso do conceito de

³ Para Silva Dias, o obra de Verney teve o mesmo papel do discurso cartesiano na França, que marcou a oposição entre o moderno e o novo no pensamento europeu. Cf. DIAS, José Sebastião da Silva. **Portugal e a Cultura Européia**. Coimbra Editora: Coimbra, 1952. p. 204.

⁴ CASSIRER, Ernst. **Filosofia de la Ilustracion**. México : Fondo de Cultura Economica, 1963. p.21.

⁵ DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington** : um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo : Companhia das Letras, 2005. p.25.

modernidade associado a Portugal do século XVIII, sobretudo contextualizado ao período pombalino.⁷ A idéia de um projeto político conduzido por Pombal e seus colaboradores levaria a historiografia a pensar Ilustração e governação pombalina como indissociáveis.⁸ Queria-se uma cultura moderna, sob a égide do Estado secular, sustentada por uma base espiritual religiosa.⁹

Havia um conflito entre a autoridade epistemológica, sustentada na palavra de Deus tutelada pela Igreja, e a autoridade baseada na razão, tutelada pela “República das Letras”. Ou seja, um conflito entre fé e razão, reivindicando a noção de verdade. Na Idade Média, a natureza era criação de Deus. Portanto, a lei divina, através das escrituras, era capaz de restituir ao homem o verdadeiro conhecimento de si e das coisas. Através de um processo histórico complexo, houve uma mudança desta ênfase em que o homem passou a ver Deus como uma expressão da natureza.¹⁰ Essa transformação abriu um novo caminho para o homem, através de um novo olhar sobre a natureza, passando a fazer uso da observação e de instrumentos criados para esse fim. Isso permitiu conclusões inéditas, como o sistema heliocêntrico de Copérnico, Idéias que, no entanto, estavam em desacordo com os pressupostos de uma visão aristotélica do mundo. Esse novo posicionamento se tornou uma ameaça constante à autoridade da Igreja. Mesmo assim, havia certa liberdade que possibilitou a proliferação e difusão dessa nova forma de conhecimento.

Estudos históricos e filosóficos têm destacado centros da Europa que promoveram as obras mais notáveis desse período, lugares onde teria ocorrido maior liberdade. Roma, que deveria servir como referência de autoridade, não se mostrou totalmente eficiente no controle dessas idéias. Na capital da Igreja, o jesuíta Boscovisch produziu idéias muito originais a partir do sistema newtoniano em 1748, em pleno século XVIII.¹¹ O que aponta para outra particularidade interessante deste problema: como o poder a Igreja, no seu próprio centro, permitiu a existência de idéias tão avançadas? Como explicar esse paradoxo? Poderíamos afirmar que o debate iluminista aconteceu em toda a Europa?

⁶ DIAS, op.cit., p.70.

⁷ Cf. GAUER, Ruth Maria Chittó. **A modernidade Portuguesa e a Reforma Pombalina de 1772**. Porto Alegre : Edipucrs, 1996.

⁸ Ibid. , p. 332. Sobre este aspecto ver também. MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal : paradoxo do iluminismo**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1996.

⁹ Ibid. , p.430.

¹⁰ HAWTHORN, Geoffrey. **Iluminismo e Desespero: uma história da Sociologia**. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1982. p.35.

¹¹ CASINI, Paolo. **Newton e a Consciência Européia**. UNESP: São Paulo, 1995.

Verney, voz dissonante dentro da cultura letrada portuguesa do século XVIII, poderia ser caracterizado como um iluminista estrangeirado. Sua obra, *Verdadeiro Método*, publicada em 1746, influenciou a Reforma da Universidade de Coimbra e causou grande impacto na comunidade letrada portuguesa. Trata-se de um conjunto de cartas endereçadas a uma pessoa desconhecida pela História, provavelmente um funcionário da corte. Demonstrando profunda inserção nas principais discussões da época, propõe uma reforma pedagógica de ensino, o que fatalmente significaria uma crítica aos métodos escolásticos dos jesuítas:

Devo, porém, nesta primeira carta, fazer algumas protestas.

Primeira: Que eu não acuso ou condeno pessoa alguma deste Reino. Se às vezes não agradam as opiniões, nem por isso estimo menos os sujeitos e autores. Distingo muito o merecimento pessoal, do estilo de cada um ou método que observa; e posso fazer esta separação, sem ofender pessoa alguma. Esta reflexão, para V.P., é supérflua, pois conhece mui bem o meu ânimo, e sabe que eu só pego na pena para lhe dar gosto. Mas, porque poderá ler esta carta a algum ignorante ou malévolo, que entenda que eu, dizendo o que me parece dos estudos, com isto digo mal da Religião da Companhia de Jesus, que neste Reino é a que principalmente ensina a Mocidade, devo declarar que não é esse meu ânimo. Eu venero esta Religião doutíssima, por agradecimento e por justiça.¹²

Verney viveu a maior parte de sua vida em Roma, como representante português na corte papal. Nas cartas, percebem-se o desejo de iluminar a cultura portuguesa, e a relação tensa entre identidade e alteridade, mostrando-se um típico cosmopolita da época. Possivelmente, as idéias defendidas por Verney representavam as de certo grupo de pensadores reformadores portugueses.

A fonte utilizada para a análise foi a edição organizada pelo professor Antônio Salgado Júnior, editada em 1950. Antes dessa data, havia apenas as edições de 1746 e 1747.¹³ A opção por esta edição justifica-se, tanto por questões de acesso, quanto por razões práticas. A reedição do professor Salgado Júnior traz uma ortografia atualizada e é organizada em grupos temáticos, com comentários sobre as referências utilizadas por Verney. A obra está organizada da seguinte forma:

Vol. I – Constituído pelas Cartas I - IV: Língua Portuguesa, Gramática Latina, Latinidade e Língua Orientais. Intitulado: **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**.

¹²Esta é uma das primeiras observações colocadas na introdução das cartas, sobre os verdadeiros propósitos de Verney: V.M. V I. **Estudos Lingüísticos**. p. 21. Segundo DIAS, não foi a hostilidade aos jesuítas que motivou seus escritos, mas a adesão a um novo ideário cultural - admitido em Roma -, como repetidamente observa nos seus escritos (Cf. VERNEY, Respostas às Reflexões, p.79; Parecer, p. 4-6), o que o levou a escrever o *Verdadeiro Método* da maneira que o fez. Cf. DIAS, op.cit., Nota R, p.282.

¹³ V.M. V.I, p.X

Vol. II – Constituído pelas Cartas V-VII: Retórica e Poesia. Intitulado: **ESTUDOS LITERÁRIOS**.

Vol. III – Constituído pelas Cartas VIII – XI: Lógica, Metafísica, Física e Ética. Intitulado: **ESTUDOS FILOSÓFICOS**.

Vol. IV – Constituído pelas Cartas XII – XIV : Medicina, Direito Civil e Teologia. Intitulado: **ESTUDOS MÉDICOS, JURÍDICOS E TEOLÓGICOS**.

Vol. V – Constituído pelas Cartas XV – XVI: Direito Canônico e Regulamentação geral dos Estudos. Intitulado: **ESTUDOS CANÓNICOS – REGULAMENTAÇÃO – SINOPSE**.

Esta edição, de acordo com SALGADO JÚNIOR, reeditou as dezesseis cartas escritas por Verney, de modo a torná-las mais acessíveis ao leitor, agrupando-as por critério de assuntos. São cinco volumes que correspondem a cinco eixos temáticos. A edição é rigorosamente documentada por notas explicativas que, como o próprio autor adverte, não devem ser entendidas como denúncia de plágio, pois buscam avaliar a fidelidade ao sistema de que Verney se serve.¹⁴

Acima de tudo, SALGADO JÚNIOR ressalta o caráter pedagógico da obra. Nos seus comentários, procura investigar até que ponto Verney, como um pedagogo do século XVIII, em nome de uma cultura a que adere, consegue manter uma unidade frente à grande diversidade de aspectos que abrange sua obra. E, já que Verney se preocupa, fundamentalmente, com os meios de transmissão de uma determinada orientação cultural, até que ponto são eficientes, independentemente de serem originais ou não: “Queremos dizer com isto que será errôneo entrar a ler o Verdadeiro Método na convicção de que o sistema cultural servido por Verney é, por seu lado, duma originalidade surpreendente. Nada disso: Verney não tem sobre lingüística, Literatura, Filosofia, medicina, direito, teologia etc., idéias inteiramente suas.”¹⁵

Verney, como muitas vezes transparece em suas Cartas, faz uso de autores como Locke, Newton, o padre Bernardo Lamy, Fénelon e Rollin, dentre outros. Dialogando com as idéias modernas, Verney pode ser caracterizado como representante do Iluminismo em Portugal? Nesse sentido, BANHA DE ANDRADE propõe uma definição que parece bastante razoável:

¹⁴ V.M. v.1., p. XL.

¹⁵ Ibid. , p. XIX.

Se o Iluminismo se caracteriza pelo interesse do homem e respectivo ambiente, como objeto dominante de reflexão filosófica, repassada pelas diretrizes da razão crítica, infalível até certo ponto e oposta frontalmente à metafísica, em favor da explicação empírica das causas e fenômenos, de expressão matemática, Verney não pode deixar de ser tido como iluminista convicto.¹⁶

A tese do professor Salgado Júnior é a de que a orientação filosófico-cultural a que Verney adere é exatamente a “dum sistema que de Locke parte e em Locke se sustenta”¹⁷. O autor faz pensar que as contribuições da obra de Verney para a reforma da sociedade portuguesa é muito superior ao seu valor para a comunidade letrada europeia da época. No entanto, é indubitável que Verney pertence a uma comunidade ilustrada europeia. Mas até que ponto pode-se afirmar que Verney é um iluminista?

Não pretendemos, aqui, avançar sobre as filiações culturais de Verney. Concentraremos esta pesquisa principalmente nas Cartas sobre Estudos Filosóficos, as quais sofreram as maiores críticas pelo seu caráter moderno.

As preocupações deste trabalho se concentraram mais na tentativa de uma síntese de seu pensamento e na relação com as principais questões discutidas pelos filósofos iluministas. Nesse sentido, enfocamos aspectos que até então não foram bem destacados no pensamento de Verney, como, por exemplo, as suas considerações sobre a questão de gênero.

Para tanto, fazemos um recorte em relação à famosa “Polêmica do Verdadeiro Método”.¹⁸ Utilizamos dois documentos encomendados à Biblioteca Nacional de Lisboa: *Reflexões Apologéticas a obra intitulada Verdadeiro Método de Estudar* (1748) do Frei Arsênio da Piedade e a *Respostas às Reflexões de Verney* (1758).¹⁹ O propósito é investigar o conteúdo crítico das oposições e correções feitas à obra de Verney, com o objetivo de focalizar como se representou este conflito de idéias entre o velho e o novo em Portugal. Analisaremos os argumentos utilizados pelos autores e qual o teor crítico do debate.

Houve um Iluminismo Ibérico? Se as idéias modernas não tiveram um desdobramento em forma de obras originais em Portugal, como este reino se emancipou frente àquela pressão que toda a Europa estava sentindo. E, se entendemos cultura também como um conjunto de práticas, até que ponto a cultura portuguesa teria impedido o desenvolvimento de uma cena

¹⁶ ANDRADE, António Alberto Banha de. **Verney e a projeção de sua obra**. Portugal : Instituto de Cultura Portuguesa, 1980, p.18.

¹⁷ V.M. V.V , p. XIX e XLII. Nesse aspecto, tivemos a chance de constatar uma série de trechos que são fielmente transcritos por Verney. A mesma tese é defendida por Dias, op.cit., p.194.

¹⁸ A polêmica em torno do Verdadeiro Método é considerada um dos maiores duelos da História das Idéias em Portugal.

iluminista aos moldes da França e Inglaterra? A singularidade da cultura portuguesa teria impedido o desenrolar de uma estrutura social que possibilitasse a emergência do Iluminismo? Ou deveremos sugerir uma fragilizada “esfera pública literária”?

Na primeira parte da pesquisa, procuramos discutir sobre o Iluminismo, a sua historiografia e as abordagens teóricas que o conceituaram. A partir de uma discussão prévia conceitual, apontamos os pressupostos teóricos utilizados para analisar o caso específico de Portugal.

Na segunda parte, propomos um novo olhar sobre a obra de Verney, buscando a linha-mestra do pensamento verneyano. Depois, focalizamos alguns aspectos da polêmica em torno de sua obra, analisando o teor crítico do debate. A tríade de documentos utilizados sugere uma dialética: a obra de Verney, a crítica endereçada a ele, e as suas respostas a esta crítica.

Na terceira parte, analisamos o ambiente intelectual de Roma, região em que Verney passou a maior parte de sua vida. Isso nos ajudará a estabelecer um comparativo entre Portugal e o centro de poder da Igreja, e a compreender melhor as críticas de Verney. Em seguida, analisamos como a historiografia portuguesa e brasileira tem apresentado o problema do “Iluminismo português”.

¹⁹ SILVA DIAS considerou a data de publicação das *Respostas as Reflexões* de Verney em 1748, no mesmo ano das *Reflexões Apologéticas ao Método de Estudar*. No entanto, no frontispício do documento que consultamos, aparece o ano em algarismo romano, MDCCLVIII, 1758, ou seja, dez anos depois.

1 ILUMINISMO: UM PROBLEMA CONCEITUAL

1.1 ILUMINISMO NA HISTORIOGRAFIA

Um novo movimento de idéias emergiu na Europa, de meados do século XVII até fins do século XVIII. A historiografia o identifica como Iluminismo. A História, de forma geral, considera que esse período apresenta homogeneidade, na medida em que se constitui como um projeto cultural para uma nova sociedade européia. Nesse sentido, o Iluminismo é um paradigma: operou a transformação do homem de um mundo idealizado para outro desencantado pela razão, o processo de racionalização das potências míticas da natureza que desembocaria em uma racionalidade científica. Esse processo teria impregnado não apenas a realidade social, mas as matrizes teóricas que buscavam torná-la inteligível.²⁰ Esse processo designa um momento de longa duração, que inseriu o homem na História Moderna.

Atualmente, o grande número de significados para o conceito de Iluminismo está relacionado com a variedade de princípios metodológicos que procuraram conceituá-lo.²¹ Falar da multiplicidade de conteúdos e temas relacionados a este conceito remete diretamente à pluralidade de escolas teóricas, instituições, historiadores, filósofos, sociólogos, que ao longo do tempo, e a partir de pontos de vista mais variáveis, procuraram dar-lhe um significado.²²

²⁰ HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

²¹ Este problema conceitual abordaremos adiante. Como considerações iniciais, veja-se, por exemplo, o conceito de Aufklärung, traduzido para o português como Esclarecimento e não como Iluminismo ou Ilustração, expressões utilizadas para designar aquilo que também se conhece como Época das Luzes. A partir dos teóricos da Escola de Frankfurt, o conceito de Iluminismo assume outro sentido. Propõe-se a idéia de uma crise, e, para isso um resgate crítico do conceito de Razão e do Legado da Ilustração. Rouanet, por exemplo, propõe uma distinção entre Ilustração e Iluminismo. A primeira, enquanto corrente intelectual historicamente situada, corresponde ao movimento de idéias do século XVIII, e Iluminismo, como uma tendência transepocal, não situada, não limitada a uma época específica. ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. _____ *Dilemas da Moral Iluminista*. In: **Ética**. NOVAES, Adauto (org.). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura : Companhia da Letras, 2002. p. 153.

²² Relações do Iluminismo com a produção literária e das artes são muito comuns. Com relação a esse aspecto, Jean STAROBINSK comenta: “Os filósofos de um lado, os historiadores de outro, estudaram segundo suas expectativas e predileções a evolução das idéias ou a floração das obras”. A partir do Iluminismo, o autor procura relacionar o pensamento e a produção artística no século XVIII. STAROBINSK, Jean. **A invenção da Liberdade, 1700-1789**. São Paulo: UNESP, 1994. p.14-15. Para o caso português, com uma abordagem relacionando Iluminismo com arquitetura, ver: FRANÇA, José Augusto. **Lisboa Pombalina e o Iluminismo**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977. A obra procura investigar as influências do espírito do Iluminismo na gestão pombalina a partir da reconstrução de Lisboa. Procura captar, em termos de arquitetura e urbanismo, a sensibilidade e o alastramento das idéias modernas na reconstrução da cidade. Seu estudo, como o próprio autor coloca, é uma investigação em um campo disciplinar entre sociologia e arte.

O termo Iluminismo é geralmente apresentado pela História das idéias como um processo de iluminação de concepções e idéias obscuras e arcaicas, escondendo a complexidade do tema, que exige uma discussão muito mais ampla, sobretudo tendo-se em vista que o Iluminismo é um termo largamente utilizado na historiografia, quase sempre de forma vaga.²³ Mister, portanto, discutir, refletir e indagar sobre a forma como tem sido interpretado, pensado e aplicado na historiografia.

Procuraremos, dentro do possível, historicizar o conceito de Iluminismo, tarefa que mereceria outra pesquisa, principalmente quando o conceito é muitas vezes utilizado para caracterizar a época do século XVIII de forma geral.²⁴ Ou seja, indicar, colocar, trazer à discussão algumas interpretações, tomando por base o universo bibliográfico usado neste estudo.

A densidade e a profundidade do problema, nos faz questionar a imprecisão desses conceitos e a forma como são empregados na historiografia. Tome-se, por exemplo, os questionamentos levantados por Falcon, sobre a ambigüidade do termo “Idade Moderna” e sobre a multiplicidade de tendências, sugerindo várias modernidades e não um moderno que reflete o todo. Advertimos, porém, que o autor muitas vezes recorre a uma homogeneidade quando afirma que Europa e Ilustração são inseparáveis de um mesmo todo.²⁵

Outra banalização do conceito de Iluminismo é sua identificação com a razão.²⁶ Partindo da complexidade deste termo, não seria possível dizer que a própria História da Filosofia poderia ser também uma história da razão? Acrescente-se à discussão o fato de o conceito de razão ser encontrado na Antiguidade, gerando um problema cronológico, uma vez que o Iluminismo tem sido caracterizado como um movimento próprio do século XVIII.²⁷

²³ Iluminismo como um movimento de idéias, Iluminismo como uma época, Iluminismo como ações políticas, Iluminismo e a crise do Antigo Regime, Iluminismo e a formação dos Estados Nacionais. São feitas muitas relações entre Iluminismo x Estado, Iluminismo x Economia, Iluminismo x sociedade, Iluminismo x Razão. A ele também são atribuídas os vários acontecimentos, onde se verifica uma relação de causa e efeito. A Revolução Francesa já fora explicada desta forma, porém hoje uma nova historiografia contesta se as idéias podem fazer uma Revolução, ou seja, até que ponto a ação popular foi inspirada pelas idéias dos iluministas. Cf. CHARTIER, Roger. **Sociedad y Escritura en la Edad Moderna: la cultura como apropiación**. México: Instituto Mora, 1995, p.93. Relações com a produção artística, ver nota 2. Para uma visão das principais interpretações do Iluminismo, ver: ILUMINISMO. In BOBBIO, N. MATTEUCCI ; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. 4.Ed. Brasília: UnB, 1998. v.1, p.605-611

²⁴ Sobre este aspecto, Cf. FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada**. São Paulo: Ática, 1982.

²⁵ Ibid. , p. 92.

²⁶ A respeito da relação entre Razão e Iluminismo, Bento PRADO aponta para uma tensão entre estes dois termos que tradicionalmente são identificados. Tal tensão nos impede de dizer, tranqüilamente, que Razão é Iluminismo ou que Iluminismo é Razão. Cf. PRADO, Bento. Razão e Iluminismo, ou os Limites as AFKLARUNG. **Vozes Cultura**, v.88, n.5, set.-out., 1994.

²⁷ CHÂTELET, François. **Uma História da Razão: entrevistas com Emile Noel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 52. Com relação ao período medieval. Cf. ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Pensamento Medieval**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

Devemos também pensar sobre aspectos que muitas vezes são encobertos pela idéia universalizadora da razão, ou seja, quando a razão passa a legitimar determinadas práticas culturais, deslocando o conteúdo filosófico a serviço de um poder, como aponta CHARTIER:

Embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, as representações do mundo social assim construídas, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que os forjam, não são de forma alguma discursos neutros. Estão sempre imersos em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação... Estes acabam por descrever a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.²⁸

Não se pode negar é que houve uma mudança profunda no pensamento europeu desse período, algo que sugere um despertar do homem, a sua emancipação como sujeito que pensa e age sem a tutela de Deus. Primeiramente, o homem abandona a essência do absoluto – explicação metafísico-teológica, da análise divina, dedução dos atributos de Deus – para pesquisar sobre as energias constituintes, criadoras, que o eu contém em si, ou seja, o processo de imanência, de emancipação do homem. Essa idéia corresponde ao abandono da condição de menoridade proposto por Kant, a incapacidade de servir-se do entendimento sem a direção de outra pessoa. Esse percurso nos mostra a possibilidade de entender a mudança operada pelo Iluminismo na problematização do próprio homem como sujeito e objeto de conhecimento.

Esse processo, sem dúvida nenhuma, tem como pano de fundo a luta que a Igreja travou contra a penetração da Filosofia. A História, de forma geral, tem transmitido esta evolução através de uma suposta linha-mestra englobando um determinado número de obras.

Se o Iluminismo pode ser identificado por uma filosofia específica, recorreremos à Filosofia do Iluminismo de Ernest Cassirer, publicada em 1932, obra que continua sendo uma referência para o tema do Iluminismo, pois consegue trazer à tona os principais problemas propostos nesse momento tão rico da História das Idéias. Cassirer não procura dar conta da totalidade dos problemas propostos, mas identificar o que seria, a seu ver, uma unidade de fonte intelectual e do princípio que a rege.

Cassirer, filósofo, relaciona um plano metafísico (de idéias) e um plano literário, estabelecendo uma relação de reciprocidade entre estes dois planos, pressuposto teórico, que em grande medida, desconsidera a relação das idéias com as práticas culturais. Mesmo sabendo que a interpretação de Cassirer está identificada com uma História das Idéias – e

²⁸ CHARTIER, Roger. **História Cultural**: Entre Práticas e representações. Rio de Janeiro : Editora Bertrand Brasil S.A, 1990. p. 17-19.

assim estaria sujeita às críticas de uma História Cultural -, surge a possibilidade de se pensar um conceito para Iluminismo. A Filosofia do Iluminismo de Cassirer reduz o pensamento do século XVIII a algumas idéias fundamentais.

O problema é a enorme dispersão de publicações nesse período e a diversidade temática, que muitas vezes trai o que poderia ser enquadrado como um processo homogêneo de secularização e laicização da sociedade. Essa diversidade também pode ser encontrada em estudos contemporâneos que procuram localizar a origem de disciplinas como a Psicologia, a Biologia, a Geografia, etc.

Uma abordagem interessante em relação a este tema é a de Paul Hazard, com a sua obra "La crisis de la conciencia Europea (1680-1715)".²⁹ O ponto de chegada é o que ele chama de uma crise, e não o início de algo novo, moderno, como trata a maioria das obras sobre o tema. Focando o período de 1680 a 1715, ele isola este intervalo, que provém diretamente do Renascimento e que prepara para a Revolução Francesa. Essa crise de consciência se relaciona à constatação de que não existe uma sabedoria além do alcance humano, somente penetrável exclusivamente pela revelação, mas apenas aquela alcançada através da limitada "Razão".

Foucault talvez seja o maior crítico da História das Idéias, suas críticas à metodologia utilizada por esta modalidade historiográfica traduz-se em seus esforços por uma "Arqueologia do Saber".³⁰ Foucault acusa severamente os assassinos da História, quando fazem menção às categorias de ruptura e transformação. Na sua concepção, não existe a possibilidade de uma unidade na História do pensamento humano – idéia generalizada pela História das Idéias -, mas o espaço de uma dispersão onde convivem infinitos discursos. O conceito de Iluminismo, como tem sido compreendido pela História das Idéias, está seriamente comprometido dentro dessa perspectiva. Foucault não admite a idéia de uma mudança profunda, de uma ruptura, mas a de uma continuidade.

Outro problema é a generalização desse processo para toda a Europa, como se todos os cantos estivessem compartilhando deste despertar da humanidade ao mesmo tempo. Até que ponto o turbilhão de novas idéias atingiu regiões específicas como Portugal? Chegaram a atingir realmente estes locais periféricos? Se chegaram, como foram recebidos? E por que não perguntar quando o homem português despertou realmente para a modernidade?

Uma abordagem que se distanciou da História das Idéias foi a de Chaunu. Um dos precursores da história serial ou quantitativa, propôs um modelo de caracterização do que ele

²⁹ HAZARD, Paul. **La crisis de la Conciencia Europea (1680-1715)**. Madrid : Ediciones Pegaso, 1952.

denominou “civilização das Luzes”.³¹ Esse conceito caracteriza uma comunidade lingüística européia no século XVIII. Ele sugere vários níveis da linguagem escrita. O primeiro nível seria o dos grandes tratados de ciência e filosofia, depois o nível da literatura, em seguida a língua corrente das correspondências.³² A partir desses dados, infere-se, por exemplo, que o nível 1, na França, na Inglaterra e na Holanda, é atingido logo em 1680. A Espanha encontra-se no nível 1 por volta de 1730 e, no 2, em 1750. Os limites dessa classificação e as dificuldades de se operacionalizar foram bem explorados pela História Cultural.³³

Existe uma grande dispersão quando se trata do conceito de Iluminismo, no entanto, parece haver uma tensão entre duas abordagens: uma mais ligada à História das Idéias e outra mais ligada à Sociologia.

³⁰ FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1997.

³¹ CHAUNU, Pierre. **A Civilização da Europa das Luzes**. Lisboa : Editorial Estampa, 1985. O termo História serial, segundo BURKE, teria sido empregado por Chaunu em 1960, tendo sido rapidamente apropriado por Braudel e outros, para se referirem às tendências de longa duração, pelo estudo das continuidades e descontinuidades, no interior de séries relativamente homogêneas de dados. Apontamos aqui a obra de Chaunu, para ilustrar uma modalidade alternativa de caracterização do que pretendemos identificar como Iluminismo. Cf. BURKE, Peter. **A escola dos Annales: 1929 – 1989, A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997. p. 131.

³² O nível 4 situa-se no limite extremo dos movimentos da História, através dos cadernos de agravos, documentos da Igreja, por intermédio do escrivão, é possível até mesmo chegar a um nível 5, onde seria o da expressão puramente falada dos que não sabem nem assinar nem decifrar. Ibid. , p.24.

³³ Sobre este aspecto. cf. CHARTIER, op.cit.

1.1.1 Iluminismo e Ciências Sociais

A História, ao longo do século XX, ampliou a discussão sobre a sociedade do Iluminismo, procurando compreender aquela nova visão de mundo combinada com as novas formas de sociabilidade que acompanharam este despertar da humanidade.³⁴ “Mas chegou a hora de ver o Iluminismo com um olhar mais ligado à terra, porque, enquanto os historiadores das idéias mapeavam a vista de cima, os historiadores sociais estavam escavando em profundidade os substratos das sociedades do século XVIII.”³⁵

As tentativas de compreender a dimensão social da experiência dos filósofos do Iluminismo, como aponta Darnton, alinham-se ao gênero História Social das Idéias. Houve uma descoberta do homem, ou foi uma nova configuração social que possibilitou o Iluminismo? Ora, o que indagamos aqui é sobre o que poderia ser identificado como epistemologia do século XVIII. Perguntamos se as novas idéias que surgiram nessa época estão mais relacionadas à genialidade individual dos homens do século XVIII ou, quem sabe, ao “espírito da época”, ou foram as novas formas de sociabilidade que promoveram a emergência de novos pensamentos.

No entanto, percebemos que a produção de estudos sobre a questão do Iluminismo tem progredido de forma compartimentada. Diferentes historiografias nacionais tem se desenvolvido isoladamente. “A Filosofia do Iluminismo”, de Cassirer, só foi traduzida para o francês em 1966, e não deixou muitas marcas no estudo francês do Iluminismo desde sua publicação original em alemão, em 1932. Darnton aponta para o isolamento das linhas de interpretação do Iluminismo.³⁶ A escola dos Annales na década de 1970 praticamente ignorava a obra de Peter Gay,³⁷ e vice-versa.³⁸ O mesmo poderia ser comentado a respeito da obra de Koselleck³⁹, “Crítica e Crise”, que só veio a ter publicação francesa em 1979. Este e outros fatores não têm contribuído para um conceito de Iluminismo mais consistente.

³⁴ Uma vez que o Iluminismo de alguma forma esta ligado à História da Ciência, observa-se também uma aproximação desta com a Sociologia, como COSER afirma: “Es problabe que hoy pocos conocedores vean la história de la ciência moderna como la de una serie de genios en soledad haciendo descubrimientos. Ahora se reconoce generalmente que la empresa científica se desarrolló dentro de una comunidad científica y dentro de un escenario institucional.” Cf. COSER, Lewis A. **Hombre de Ideas: el punto de vista de un sociólogo**. México: Fondo de Cultura Económica. p. 42. Da mesma forma, KUHN: “A mesma pesquisa Histórica, que mostra as dificuldades para isolar invenções e descobertas individuais, dá margem a profundas dúvidas a respeito do processo cumulativo que se empregou para pensar como teriam se formado essas contribuições individuais à ciência”. KUHN, Thomas S. **A estrutura das Revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982. p.21.

³⁵ DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.198.

³⁶ DARNTON, op.cit., p.198-199.

³⁷ GAY, Peter. **The Enlightenment: an interpretation**. New York, 1969.

³⁸ Op.cit., p.198-199.

³⁹ KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Rio de Janeiro: EDUERJ ; Contraponto, 1999

A História Cultural, no entanto, como demonstra Chartier, tem se esforçado em promover um diálogo com sociólogos, como Habermas: “No coração do século XVIII, mais cedo ou mais tarde, em um ou outro lado, surge uma “esfera pública política”, chamada também de “esfera pública burguesa”, duplamente caracterizada. Do ponto de vista político, define um espaço de discussão e de crítica independente da influência do Estado e crítico com respeito aos atos e fundamentos deste.”⁴⁰ Da mesma forma, ele aponta como o trabalho sociológico de Norbert Elias se harmoniza com seus questionamentos: A questão de saber de que maneira e por que razão os homens se ligam entre si e formam em conjunto grupos dinâmicos específicos (...) ou (...) as redes de inter-relações, as interdependências, as configurações⁴¹

Autores como os já citados Habermas e Koselleck, acima de tudo, procuraram entender o Iluminismo não apenas como um movimento intelectual isolado, mas interligado a um movimento social. A esfera pública burguesa, proposta por Habermas, surgiu historicamente no contexto de uma sociedade separada do Estado, a medida que as “formas privadas” de socialização passaram a ter um caráter público. A esfera pública burguesa é uma configuração específica do conjunto das formas privadas de intercâmbio social do Antigo Regime.

O mesmo sentido é dado por KOSELLECK quando afirma que o “Iluminismo triunfa na medida em que expande o foro interior privado ao domínio público. Sem renunciar à natureza privada, o domínio público torna-se o fórum da sociedade que permeia todo o Estado”.⁴² Crítica e Crise está relacionada com a utópica filosofia da História protagonizada pelos iluministas, que se materializou com a Revolução Francesa. A partir daí, estabeleceu-se um estado permanente de crise. O Iluminismo, segundo KOSELLECK, propagou-se numa brecha que o Estado Absolutista abriu para pôr fim à guerra civil, criando a divisão da realidade histórica em um reino da moral e um reino da política. A crítica, na sua essência, possui uma relação fundamental com esta concepção de mundo dualista. Duas formações sociais marcaram de maneira decisiva a época do Iluminismo: a república das letras e as lojas maçônicas.

⁴⁰ CHARTIER, Roger. **Espacio Público, Crítica y Desacralización en el siglo XVIII**. Barcelona: Gedisa,, 1995. p.33.

⁴¹ CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. p.100. O capítulo 3 “Formação social e habitus: uma leitura de Norbert Elias,” é todo dedicado a Norbert Elias. O próprio prefácio da edição brasileira da obra de Elias “Sociedade de Corte” é escrito por Chartier. cf. ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁴² Ibid. , p.49.

Koselleck denuncia a História das Idéias e separa apenas os discursos que se coadunam com um determinado sentido histórico.⁴³ O problema é deslocado para as formas de sociabilidade, e não sobre uma ontologia do pensamento humano. A dispersão e o volume de obras dá lugar a apenas alguns autores que sustentam um modelo explicativo, o de que o Iluminismo possibilitou a justificação do Absolutismo e ao mesmo tempo provocou a sua destruição.

Peter BURKE, apontando as contribuições de Habermas para a História, assinala algumas limitações do conceito de esfera pública:

“... poderia ser mais útil e mais iluminador olhar não a simples presença ou ausência de uma esfera pública, mas as diferentes formas que uma esfera pública ou semipública pode tomar e a relativa importância que pode ter em diferentes culturas ou entre diferentes grupos sociais dentro de uma cultura”.⁴⁴

Mas não teria havido uma matriz social específica, relacionada com o Iluminismo? As estruturas sociais da esfera pública se configuram a partir da cidade - espaço por excelência burguês⁴⁵ assegurada pelas novas modalidades de sociabilidade que vão, pouco a pouco, se sobrepondo à corte: os cafés, os salões burgueses, as academias de ciência, as lojas dos maçons. Esses novos espaços – que adquirem uma função social da crítica - são interligados pela imprensa, instituição nuclear da esfera pública literária.⁴⁶ Independentemente de esta concepção de público ter ou não sido concretizada na realidade, como o próprio Habermas reconhece, o que importa sublinhar é sua potencialidade como espaço de crítica.⁴⁷ “Por outro lado, só mediante a apropriação crítica da filosofia, da literatura e da arte é que também o público chega a se esclarecer, até mesmo a se entender como processo vivo do Iluminismo”.⁴⁸

A base dessa nova organização social é composta por um conjunto de elementos comuns. Em primeiro lugar, uma igualdade de *status*. Em segundo, a problematização dos temas de exclusividade do clero e da nobreza. E, por último, a democratização do acesso à cultura, uma vez que esta passa a se projetar também como mercadoria.⁴⁹

⁴³ A ocidentalização do planeta pela burguesia e o estado permanente de crise entre ser e dever ser.

⁴⁴ BURKE, Peter. A esfera pública 40 anos depois. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 16 set., 2004. p.4-5.

⁴⁵ HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p.58

⁴⁶ Para haver uma esfera pública política, é necessário primeiramente o surgimento de uma esfera pública literária. *Ibid.*, p.46

⁴⁷ *Ibid.*, p.52

⁴⁸ *Ibid.*, p.38

⁴⁹ *Ibid.*, p.51

À medida que a esfera pública avança no âmbito do consumo, com a subordinação do jornalismo literário à economia de mercado, banaliza-se o intercâmbio social, pela ausência de uma intermediação literária. O Iluminismo vincula-se à Esfera literária, enquanto esta estava afastada da reprodução social. Nessa perspectiva, ele seria o elo perdido que liga a gênese da sociedade burguesa até seu triunfo final com a Revolução Francesa. Aqui o Iluminismo teria uma realidade histórica situada, aquela que possibilitou um mundo de escritores/leitores e, depois, foi suprimida pela decadência da esfera pública literária, quando a cultura é apropriada pelo mercado.⁵⁰ A cultura burguesa não era mera ideologia. Porque o raciocínio das pessoas privadas nos salões, clubes e associações de leitura não estava subordinado de modo imediato ao ciclo da produção e do consumo...⁵¹

Habermas procura diagnosticar os limites do programa iluminista proposto por Kant: a construção de um espaço público a partir da participação de cada um como escritor e leitor dentro de um mundo de idéias e opiniões. A Ilustração seria um processo por meio do qual cada um, potencialmente, passa a intervir propondo idéias frente a um público que lê. O que tem se debatido são os limites deste projeto em termos práticos. Para Adorno e Horkheimer, a Razão, na qual se depositavam as bases do projeto Iluminista, passou a ser instrumentalizada a favor da opressão e da barbárie.

A investigação histórica das possibilidades de apropriação cultural em diferentes sociedades faz parte de nosso problema, sobretudo porque busca compreender a circulação multiplicada do escrito impresso nos séculos XVII e XVIII e como isso modificou as formas de sociabilidade, constituindo uma “esfera pública literária”.

A “esfera pública literária” define uma modalidade alternativa de representações a parte do âmbito institucionalizado do poder político. No entanto, quando pensa sobre o texto de Kant “O que é Ilustração”, Chartier caracteriza um público não só a partir das novas formas de sociabilidade intelectual como os cafés, clubes, sociedades e lojas, nem do ideal de cidade antiga protagonizada pelos gregos, mas por meio do texto escrito.⁵² Porque o texto, em última instância, é a interseção entre o plano das idéias e a matriz social respectiva. O elemento que possibilita dar um sentido coerente para este conceito de Iluminismo que estamos propondo é a crítica na sua expressão de “formas de leitura”, ou seja, como determinadas idéias são apropriadas e retransmitidas.

⁵⁰ Habermas não trabalha com um corte cronológico específico, porém, quando comenta a subordinação da cultura impressa ao mercado, comenta o Cobbet's Political Register (1816) quando passou a imprimir 50.000 exemplares, constituindo-se no primeiro jornal com uma grande tiragem. op.cit., p.199

⁵¹ op.cit., p.190

⁵² CHARTIER, Roger. **Espacio Público, Crítica y Desacralización en el siglo XVIII**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995. p33. e.39

Portanto, consideramos Iluminismo como um processo caracterizado pela representação crítica de idéias materializadas sob a forma de texto, mas que não existe sem a sua componente social, a publicação de livros e impressos, juntamente com os cafés, salões e academias. Insistimos sobre a importância da componente social do conceito, pois ela está diretamente relacionada com as condições de existência de uma idéia para o campo da História, que se materializa em documento. A existência de apenas uma destas componentes não confere a plenitude do movimento do Iluminismo, comprometendo de alguma forma a sua natureza crítica.

1.2 O AMBIENTE INTELECTUAL PORTUGUÊS

1.2.1 As tentativas de Construção de uma Esfera Literária

Tendo em vista o conceito de Iluminismo que adotamos e a questão cultural ao longo do século XVIII português, percebe-se que estudos sobre as práticas da leitura só têm surgido muito recentemente. Para compreender a mentalidade portuguesa do Setecentos, é de suma importância alargar o inventário das formas de acesso ao livro. Em Portugal, a maioria das obras dos pensadores modernos penetrava por via de estrangeiros, ou por portugueses que viajavam para outras regiões da Europa – chamados estrangeirados.

A casa dos Ericeiros, em frente de S. José da Anunciada, foi o primeiro cenáculo "esclarecido" português.⁵³ Nos últimos anos do século XVII, funcionou na casa dos Condes de Ericeira uma espécie de Academia, chamada discretos. As pessoas que frequentavam esta casa eram, na sua maioria, estrangeiros, como o sábio francês António de Jussieu, da Académie de Sciences de Paris, e Bluteau, nascido em Londres de pais franceses. Bluteau estudou na França, e a sua chegada a Lisboa remonta a 1656, e lá morreu em 1734.

Na historiografia, a palavra cenáculo amiúde designa grupos de intelectuais que se reuniam para discutir e trocar idéias.⁵⁴ Antigamente, cenáculo significava a sala onde se comia a ceia ou o jantar. Posteriormente, os historiadores perceberam que nestes grupos se discutiam as novas idéias que provinham de outros cantos da Europa. Geralmente, tratava-se de reuniões entre nobres, na sua maioria estrangeiros. Talvez fosse o gérmen de uma pequena esfera pública literária, que não conseguiu se manter por muito tempo, dissipando-se.

⁵³ DIAS, **Portugal e a cultura europeia**, op.cit, p.105

⁵⁴ idi.

Do cenáculo do Conde de Ericeira à fundação da Academia das Ciências de Lisboa em 1780, houve uma difusão das Luzes em Portugal, produzindo uma série de reformas institucionais. Esse “Iluminismo Reformista” está intimamente associado à hegemonia do clero e da nobreza. Sendo assim, a renovação da cultura portuguesa no século XVIII deve-se, quase exclusivamente, à influência dos estrangeiros e estrangeirados:

A primeira metade do século XVIII foi teatro de uma luta intensa entre o elemento cosmopolita e o elemento sedentário da nação. Ao mesmo tempo que a diplomacia facultava a muitos portugueses a descoberta de idéias, dos costumes e da política em vigor na Europa de além Pireneus; aportavam ao Tejo alguns forasteiros que traziam consigo os rudimentos do saber universal.⁵⁵

Alguns estrangeiros tiveram a iniciativa de introduzir as idéias de Newton. Castro Sarmiento, por exemplo, enviou a Lisboa, com dedicatória ao Rei, o manuscrito de uma *Chronologia Newtoniana Epitomizada*. A corte, porém, recebeu estas obras sem qualquer testemunho de interesse, pelo menos aparente, pois nunca foi publicada.⁵⁶ Em 1744, publica-se a *Lógica Racional Geométrica e Analítica* de Azevedo Fortes. É o primeiro livro de caráter didático e sistemático modelado pelos padrões europeus.⁵⁷ Nele encontram-se fortes traços de Cartesianismo.⁵⁸

Outra tentativa de estabelecimento de uma esfera pública foram as conferências promovidas por Teodoro de Almeida sobre física experimental. Essas reuniões eram freqüentadas por um grande número de pessoas – geralmente pessoas da corte e homens ilustrados. Destaca-se o impacto que estas conferências causavam; além de seu caráter lúdico, eram uma moda cultivada em toda a Europa. Almeida sofreu várias críticas, como as publicadas sob o pseudônimo de Paulo Amaro, com seu *Mercúrio Filosófico*. A maioria de suas críticas não possuíam uma fundamentação mais elaborada; abordavam principalmente o estilo pouco convencional das conferências, sem perceber que os resultados das experiências denunciavam a visão aristotélica do mundo:

...tudo o que agora se reclama de novo tinha sido dito por Aristóteles, como o que dizia respeito ao som, à luz ou à cor, de que Aristóteles tinha dado uma correta definição física e agora se vendia por novidade nas palestras das Necessidades.⁵⁹

⁵⁵ Ibid. , p.118.

⁵⁶ Ibid. , p.125.

⁵⁷ Ibid. , p.132.

⁵⁸ Ibid. , p.134.

⁵⁹ *Mercúrio Filosófico*. Com a destruição da casa do Espírito Santo, sede da Congregação Oratório de Lisboa na ocasião do terremoto de 1755, ela foi transferida ao hospício das Necessidades, onde prosseguiu as suas atividades normais. Isso fez com que ficasse associada a Casa das Necessidades. Com a sua reedificação em 1792, os oratorianos se dividiram em duas facções, cujas divergências iriam favorecer mais tarde à casa original. No entanto, esse fato viria a enfraquecer a imagem de prestígio da Congregação, principalmente pelo esvaziamento ocorrido mais tarde. Apesar disso, continuaria a atrair os jovens. Apud. DOMINGUES, Francisco Contente. **Ilustração e Catolicismo** : Teodoro de Almeida. Lisboa : Colibri, 1994, p.77 -78.

Em Portugal, existiram também as Academias de Ciências,⁶⁰ embora em circunstâncias específicas decorrentes de uma ambiência cultural própria. Proliferaram nos séculos XVII e XVIII, mas geralmente as tentativas não perduravam e, quase exclusivamente, eram de pendor literário ou religioso.⁶¹ Comparadas com as de outros países da Europa, não tiveram especialização científica. A empresa de maior notabilidade foi a Academia de Ciências de Lisboa, cuja primeira reunião se deu em 1780, à qual compareceram vários portugueses.

A sua fundação já havia sido prenunciada em 1755, em um acordo entre Teodoro de Almeida e D. João Carlos de Bragança, acordo esse, que não havia vigorado na época. A Academia apresentou-se a público no dia 4 de julho de 1780, com uma oração de abertura de Teodoro de Almeida, que fez instalar uma polêmica violenta. O teor de sua fala era de crítica ao atraso português em relação às demais nações européias. A missão a que se propunha a Academia subentendia uma crítica *a priori* da condição da intelectualidade portuguesa. A polêmica, ao contrário do que se possa imaginar, tinha como pano de fundo um conflito entre defensores do pombalismo (regalismo) e seus contrários. Ou seja, as críticas à Academia não eram em relação ao seu projeto de modernização, de um projeto comum. A maior parte dos críticos fazia apologia às realizações de Pombal, como a Reforma da Universidade e à adoção do regalismo e do seu despotismo. O caso mais emblemático é o de Pina Manique, homem de

⁶⁰ No século XVIII, surgiu em regiões como Inglaterra, França - e reinos que hoje fazem parte da Alemanha e Itália -, institucionalização de entidades coletivas particulares ou oficiais que se dedicavam à investigação e à divulgação científica, as Academias de Ciência. Uma das primeiras foi a Academia dei Lincei, fundada em Roma no ano de 1603 pelo duque de Acqua-Sparta, que registrou as contribuições de Galileu Galilei. Geralmente estas academias iniciavam-se a partir de reuniões esporádicas até serem oficializadas, como a Royal Society. Além das reuniões eram publicados periódicos como o Philosophical Transaction da Royal Society e o Journal de Savants. Isso aumentaria a capacidade e rapidez de circulação de idéias científicas pela Europa. No século XVIII, estas academias terão cada vez mais destaque dentro da sociedade. De forma geral, defendiam a prevalência da experiência e da razão sobre a autoridade constituída como critérios de investigação e de análise em harmonia com o espírito racional das Luzes. Também se preocupavam com o sentido utilitário do conhecimento científico e das aplicações tecnológicas possíveis, como na navegação, novas formas de energia motora, melhoria das técnicas agrícolas. As Academias de Ciência difundiram a modernidade pelos salões, saindo do âmbito dos filósofos para uma elite constituída por nobres, médicos e oficiais do exército. Estes espaços contribuíram para a secularização da sociedade e foram alvo de crítica de conservadores em função da falta de formalismo com que tratavam determinados assuntos. Geralmente, eram iniciativas que partiam de um restrito grupo de nobres, como o conde de Ericeira. Havia forte presença de estrangeiros em meio a essas iniciativas, como a do inglês Luis Baden em 1725, de autoria de um folheto de divulgação de um curso intitulado "Notícias da Academia, ou curso de filosofia experimental". O curso não teve muito sucesso, apesar de se terem difundido pela primeira vez as doutrinas de Robert Boyle e Isaac Newton, embora sem qualquer sorte de conseqüências. Associadas às academias, estão as viagens de expedição científica, como a de Alexandre Rodrigues Ferreira que levou uma série de sábios ao Brasil. Na Espanha estas iniciativas tiveram maior vulto. Através desses movimentos, vai se imperando uma apologia da filosofia experimental, traço que também marcará a defesa do modelo de cultura associada à reforma política institucional pretendida por Pombal. Isso se manifestará com a reforma dos estudos menores em 1759 e a da Universidade em 1772. Os novos estatutos pretendiam, acima de tudo, arregimentar novos professores e os meios para que houvesse maior abertura ao saber experimentalista do século em prejuízo dos parâmetros filosófico-científicos da escolástica. p. 119.

⁶¹ DOMINGUES, op.cit, p.113

Pombal que sobrevivia à “viradeira”, no reinado de D. Maria, com a mesma autonomia que gozava no período pombalino⁶². Fazendo apologia dos feitos do antigo ministro, não partilhava a visão pessimista da situação nacional tal como foi delineada por Teodoro de Almeida para justificar a necessidade da nova agremiação.⁶³

Foi a publicação do *Verdadeiro Método* que colocou de forma explícita o magno conflito entre a cultura livre e a cultura das escolas. A polémica em torno da publicação dessa obra constitui um momento particular da História das Idéias em Portugal, e ilustra bem o debate entre o velho e o moderno durante o século dezoito português. Sendo que a tendência na gestão pombalina é de diminuição progressiva da presença do clero, identificado com o regalismo. O auge desse movimento se dá com a expulsão dos jesuítas em 1759 e com a Reforma da Universidade de Coimbra em 1772, sob o ministério do Marquês de Pombal. No entanto, a história desse movimento reformista não veio acompanhada por um espaço crítico de discussão. Observaremos mais tarde que, em torno das polémicas do *Verdadeiro Método* de Estudar de Verney, não há um “uso público da razão”, de acordo com o conceito kantiano. O que predomina é a autoridade e não o consenso. Dentre diversos fatores que concorrem para este fato, a fragilidade da cultura impressa portuguesa é o mais característico, limitando o debate de idéias, e o processo de “Ilustração”.

1.2. 2 A imprensa portuguesa do século XVIII

No que se refere aos meios de publicação em Portugal, os jornais na segunda metade do século XVIII eram em sua maioria frívolos e não possuíam um caráter predominante político. Em geral, reproduziam notícias publicadas semanas ou meses antes por folhas estrangeiras.⁶⁴ Havia pouca participação das elites pensantes em termos de colaboração efetiva, e as técnicas empregadas eram rudimentares. No século XVIII, fundaram-se ao todo trinta e sete jornais⁶⁵. Havia grande irregularidade nas publicações, e a circulação era pequena, reduzindo-se praticamente aos assinantes.⁶⁶ No período pombalino, criaram-se dez ou onze jornais, com pouca influência, à exceção da Gazeta Literária. Segundo Burke, não menos que 1.267 periódicos em francês foram criados entre 1600 e 1789, 176 deles entre

⁶² Pina Manique era um estrangeirado, conduziu um projeto de envio de bolseiros de cirurgia para a Escócia. Ibid. , p.128.

⁶³ Ibid. , p.129.

⁶⁴ TENGARRINHA, José. **História da imprensa periódica portuguesa**. Lisboa: Portugalia, 1995. p.4.

⁶⁵ Ibid. , p.38.

⁶⁶ Ibid. , p. 43

1600 e 1699 e o restante a partir de então.⁶⁷ A título de ilustração, veja-se o tratamento dado pela imprensa portuguesa a um dos fatos mais importantes ocorridos em Portugal no século XVIII: no dia de 1º de novembro de 1755, ocorreu o grande terremoto de Lisboa, seguido de um maremoto e de um enorme incêndio, que viria a durar vários dias e que abalou e destruiu parcialmente a cidade de Lisboa, matando e ferindo milhares de pessoas. Cinco dias depois, o semanário *Gazeta de Lisboa*, única publicação periódica portuguesa em circulação na altura, noticiava:

O dia 1º do corrente ficará memorável a todos os séculos pelos terremotos e incêndios que arruinaram uma grande parte desta cidade; mas tem havido a felicidade de se acharem na ruína os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares. (*Gazeta de Lisboa* [GL], nº 45, 1755)

Além da pouca importância dada a esse fato – que projetou Pombal a se consolidar como ministro e reformador⁶⁸-, chama atenção uma notícia de trinta e seis linhas dedicada ao falecimento e enterro de um homem chamado Fr. Joaquim de S.José.⁶⁹ Seria o caso mesmo de questionar sobre o que era um jornal português desse período. Parece mesmo que o terremoto já era notícia entre os portugueses por uma via mais eficaz: os rumores e as “vozes vagas”.⁷⁰ A notícia do terremoto era algo implícito. Esta é a posição de Fernandes quando analisa os meios de comunicação na Espanha até o período das invasões napoleônicas.⁷¹

Talvez o jornal mais crítico de Portugal ao longo do século XVIII tenha sido a *Gazeta Literária*, que infelizmente teve uma existência curta, de julho de 1761 a julho de 1762. Considerado o primeiro processo público de subscrição de livros em Portugal, o lançamento da *Gazeta Literária* ocorre no Porto, em julho de, depois da expulsão dos jesuítas. Contava

⁶⁷Cf. BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003. p.51.

⁶⁸ Com relação a esse aspecto destaca-se o trabalho clássico do historiador português José Augusto França, *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. A obra adaptada de seu doutorado, procura investigar as influências do espírito do Iluminismo na gestão pombalina a partir da reconstrução de Lisboa. Procura captar em termos de arquitetura e urbanismo, a sensibilidade e o alastramento das idéias modernas na reconstrução da cidade. O seu eixo principal procura responder a duas questões complementares: em que medida a nova Lisboa está em relação aos gostos e necessidades da sociedade portuguesa e em que medida se relaciona ela com a estética do Iluminismo. Através do espírito reformista de Pombal, procura as relações entre uma cidade e uma sociedade, como um modela o outro e vice-versa. Enfatiza a capacidade de Pombal de tomar decisões rápidas e improvisar soluções que atendessem as necessidades imediatas através de um espírito racional e prático. Cf. FRANÇA, José Augusto. **Lisboa Pombalina e o Iluminismo**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

⁶⁹ TENGARRINHA, op.cit. , p.47.

⁷⁰ Cf. FERNÁNDEZ, Celso Almuíña. Os meios de comunicação na crise do Antigo Regime entre as “vozes vagas” e a dramatização da palavra. In: **Antigo Regime e Liberalismo, homenagem a Miguel Artola**. Madrid : Alianza Editorial, 1995.

⁷¹ BELO, André. A *Gazeta de Lisboa* e o terremoto de 1755: a margem do não escrito. **Análise Social**, Lisboa , v. 34, p. 619-637, 2000. p. 151-152

com a proteção do governador e brigadeiro do Exército João Almada de Melo.⁷² O editor Bernardo de Lima produziu mais de cem extratos de obras, dezenove dos quais traduzidos de outras publicações periódicas estrangeiras. Lamentava a modesta cifra, alegando que na Europa se publicavam anualmente 6.000 livros. Segundo Ana Cristina Bartolomeu Araújo, as publicações da Gazeta Literária demonstram a conexão de Portugal com os principais centros de impressão da Europa.⁷³

Em novembro de 1761, publicou-se na Gazeta Literária um artigo do editor Bernardo de Lima tratando da escravidão, mais especificamente do “comércio que se faz dos homens”. Abordava artigo publicado em jornal estrangeiro, provavelmente inglês, que criticava os males da escravidão. Sem desconsiderar a “útil humanidade” que enobrece a nação inglesa, aponta o inconveniente de ver ameaçada a superioridade que os “Europeus têm alcançado sobre os demais habitantes do mundo”. A seu ver, dar liberdade a um escravo é o pior castigo que se pode dar, pois não conseguem sobreviver e se adaptar às novas condições. Embora critique a metodologia dos castigos, afirma que:

Os pretos que nascem na Europa e se transportam à América para aliviar o trabalho dos Europeus, merecem ainda mais a escravidão, porque nesta melhoram de condição. Antes que principiasse o comércio dos escravos costumavam os negros, que andavam continuamente em guerra uns com os outros, matar todos os seus prisioneiros depois de os fazer experimentar os mais rigorosos tormentos.⁷⁴

Segundo o editor, “Nem a razão, nem a justiça, nem a religião podem desculpar o dar liberdade a uma espécie de gente, que como é moralmente certo, empregarão esta liberdade na destruição dos mesmos que lhe derão”.⁷⁵

Bernardo Lima comenta, que se os argumentos ingleses fossem concludentes, deveriam ser libertados os escravos que servem nas colônias britânicas. Se isso ocorresse, provavelmente os habitantes europeus das colônias se tornariam cativos dos escravos. Analisando a hipótese de um homem cujo terreno utilizasse 200 escravos, uma generosa lei abolicionista seria crueldade para este indivíduo, levando-o ao último grau de miséria e de indigência.

Além da crítica ao caráter liberal do artigo deste jornal inglês, parece também haver relação, talvez sutil, com a Lei assinada no dia 19 de setembro por D. José, um mês antes da

⁷² ARAÚJO, Ana Cristina Bartolomeu. Modalidades de Leitura das Luzes no Tempo de Pombal. **Revista de História**. Porto, v. 10, p.107, 1990.

⁷³ *Ibidi.*, p. 119.

⁷⁴ GAZETA Literária, novembro de 1761. p.337-339.

⁷⁵ *Idi.*

publicação do artigo, que proibia o comércio de escravos nos portos da metrópole. O texto dessa lei, que só seria publicada no dia 1º de outubro de 1761, deixa bem claro seus propósitos:

Eu El Rey. Faço saber aos que este Alvará com força de Ley virem, que sendo informado dos muitos, e grandes inconvenientes, que resultam do excesso, e devassidão com que contra as Leys, e costumes de outras Cortes polidas se transporta annualmente da Africa, America e Asia, para estes Reinos hum tão extraordinário número de escravos Pretos, que, fazendo nos Meus Dominios Ultramarinos huma sensível falta para a cultura das Terras, e das Minas, só vem a este Continente ocupar os lugares dos moços de servir, que ficando sem comodo, se entregam à ociosidade, e se precipitam nos vicios....⁷⁶

Apesar de fazer apelo a uma certa moralidade nos costumes associados à escravidão, esta lei parece propor que o tráfico de mão-de-obra escrava feito nos domínios do Reino deveria ser canalizado para a produção agrícola e mineira do Ultramar. Além disso, solucionava o problema do desemprego entre os trabalhadores da metrópole. A lei ainda acrescentava que todos que aportassem no Reino deveriam ser libertados sem a necessidade de outra Carta ou alforria, nem de outro Despacho.⁷⁷ Vê-se que Pombal tinha uma visão clara da situação que não se harmonizava com a opinião de Bernardo de Lima. Deveriam ser libertos os escravos que aportassem na metrópole para serem comercializados, porém nas colônias esta hipótese estava fora de questão.

Presa por um fio e esgotada nos seus recursos, a imprensa periódica recebeu um definitivo golpe em 1768, quando da criação da Real Mesa Censória e da Imprensa Régia. Desde então, nenhum jornal é fundado na gestão pombalina (1750-1777). Somente com a “viradeira” em 1778 a Gazeta de Lisboa retorna as suas publicações.

Ao longo do século XVIII, a tutela cultural de nobres e eclesiásticos foi sempre uma constante na sociedade portuguesa, hegemonia atravessada por uma linha de fratura longa e persistente. Essa perspectiva caracteriza o caráter institucional das transformações culturais do Portugal do Setecentos.

Se, por um lado, coloca-se que Pombal, particularmente a partir de 1762, impediu a manifestação de uma opinião pública esclarecida, deve-se também apontar uma progressiva brandura do Santo Ofício após 1774. O Regimento de 1774, publicado por Pombal, seculariza a Inquisição, coloca-a na dependência da coroa. Nos fins do Setecentos, os casos mais

⁷⁶ Apud. RAMOS, Luis de Oliveira. Pombal e o Escravagismo. **Revista da Faculdade de Letras**.Lisboa, p.173.

⁷⁷ Idi.

salientes de insubmissão de pensamento face à ortodoxia derivam, em regra, menos da criatividade pessoal, e mais de contatos com a literatura das Luzes.

Inácio da Silva admitiu que se deixava seduzir pela doutrina em questão para poder faltar, sem remorso, aos bons costumes e ao voto de castidade – revelando-se um caso de hedonismo. Ou, como o caso do Doutor em Medicina Manuel Pereira Graça, simpatizante da Revolução Francesa. Houve processos que envolveram estrangeirados, como José Anastácio da Cunha, do cenáculo de Valença do Minho (1775-1778) – onde havia vários militares estrangeiros e alguns jovens. Como também Diogo Fervier, professor da Aula Real de Artilharia, incorrendo em uma devassa em Valença do Minho, ocorrendo a condenação dos principais membros e o Auto de fé de 1778.

Por outro lado, torna-se necessário repensar o alcance da censura enquanto prática disciplinar e modalidade de leitura e reavaliar novos indicadores como a imprensa periódica e outros meios de acesso e divulgação que, não tendo imediata intenção doutrinal, franquearam e prepararam a leitura do livro estrangeiro. O avultado número de gramáticas e dicionários de línguas estrangeiras então publicados entre 1730 e finais de 1770 reflete a aceleração do ritmo de trocas culturais de Portugal com outros países.⁷⁸ Esse aspecto, quase sempre ausente na apreciação da política cultural pombalina, é determinante para a compreensão da riqueza e complexidade das idéias que se opunham ao próprio pombalismo, e é também suscetível de imprimir outro sentido e uma cronologia à difusão das Luzes em Portugal.⁷⁹ Essa perspectiva, lançada por Ana Cristina Bartolomeu de Araújo, amplia a idéia colocada por Dias de um intercâmbio, de um contato com a cultura européia.

1.2.3 Pombal e seu Projeto Político

Talvez um dos maiores méritos do ministro de D. José tenha sido a sua capacidade de constituir uma equipe. Influenciado pela filosofia de seu tempo e sensível à conjuntura de então, o marquês teve uma trajetória histórica que viria a marcar sua época.

A era pombalina é um tema associado a uma grande produção bibliográfica. É muito comum a confusão entre Luzes e Iluminismo com Despotismo Esclarecido, tendo o segundo

⁷⁸ O anónimo, repartido pelas semanas para divertimento e utilidade do público, lançado e dirigido por Bento Morgati, e que se publicou entre 1752 e 1754. O *Amusement périodique. Discours historiques, politiques, moraux, littéraires et critiques*. O Mensal redigido por Francisco Xavier de Oliveira em Londres. Queima de livros na Praça do Comércio – Real Mesa Censória – existência de dicionários filosóficos, os de Bayle e Voltaire, em mais de 600 bibliotecas portuguesas. Cf. Revista de História. Ana Cristina Bartolomeu de Araújo. Instituto Nacional de Investigação Científica. Porto 1990.

⁷⁹ Ibid. , p.126

como efeito do primeiro. Nessa perspectiva, surgem vários paradoxos, fruto de comparações das reformas de Pombal com o ideário iluminista. Talvez fosse mais fácil compreender o Despotismo Esclarecido como uma fase tardia do Absolutismo, mais ligada às mudanças que a Europa sofria no século XVIII do que como efeito das idéias modernas.⁸⁰

Dois autores clássicos sobre o assunto, Maxwell e Falcon, mediante diferentes abordagens - Maxwell por meio do conceito de despotismo esclarecido e Falcon associando pombalismo e mercantilismo -, procuraram compreender as distorções entre a teoria e a prática do pombalismo, apontando um paradoxo.⁸¹ A problemática proposta de início por Falcon é de que o período habitualmente designado pela historiografia como "pombalino" passa a ser definido em termos político-econômicos como de caráter "mercantilista".

Estudar a teoria política de um governo ou de uma época não equivale a conhecer a respectiva prática política, e vice-versa.⁸² A partir dessa premissa, questionamos e o que tem se chamado paradoxo do iluminismo lusitano: o marquês de Pombal. As contradições, as indefinições são inseparáveis das relações entre a prática e a teoria pombalina. Investigando a formação intelectual do marquês, é possível perceber que havia um projeto político em gestação, ponto sobre o qual, por muito tempo, a historiografia havia silenciado.

Em 1756 fora publicado um texto anônimo em francês, com o título *Discours politique sur les avantages que Portugal pourroit retirer de son malheur, dans lequel l'auteur développe les moyens que l'Angleterre avoit mis jusque-là en usage pour ruiner cette monarchie*. A autoria do texto fora atribuída a Pombal em obras de grandes historiadores portugueses até fins do século XIX. O texto teve várias edições e sua primeira edição em espanhol saiu em 1762 com o título: *Profecia Política, verificada en lo que está sucediendo a los Portugueses por su ciega aficción a los ingleses: hecha despues del terramoto de 1755...* Madrid. Imprenta de la Gazeta, 1762. Em 1861, já figura no tomo das Cartas e outras obras seletas do marquês de Pombal em português.

No entanto, desde 1806, a autoria do texto já era conhecida, revelada por Antoine-Alexandre Barbier, no seu *Dictionnaire des ouvrages anonymes*. Trata-se de Ange Goudar. Nasceu em Montpellier por volta de 1720, e faleceu em Londres em 1791. Descendente de um inspetor geral do comércio, chegou a Lisboa por volta de 1752 e já estava de regresso à pátria

⁸⁰ MARQUES, A.H de Oliveira. **Breve História de Portugal**. Lisboa : Editorial Presença, 1998. p.374.

⁸¹ Cf. MAXWELLI, Kenneth. **O Marquês de Pombal: paradoxo da iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada**. São Paulo: Ática, 1982.

⁸² DIAS, J. S. da Silva. **Pombalismo e Projeto Político**. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova Lisboa, 1984.

em 1754. Depois, passou por Nápoles e reinos do Norte da Europa, até morrer na Grã-Bretanha. Dias, o retrata como um aventureiro de pena fácil.⁸³

O “Discurso” é um manifesto antibritânico. Defende que Portugal tinha a agricultura, a indústria e o comércio em ruínas por causa dos ingleses, encontrando-se num estado de decadência econômica e política que o reduzia, em termos de pátria, à condição de colônia da Inglaterra. O texto aponta para uma vantajosa aliança entre Portugal e França, para uma arrancada de crescimento político e econômico, principalmente após o terremoto de Lisboa. Sabe-se que isso jamais ocorrera, e mais tarde Portugal sofreria fortes pressões da França através do Bloqueio Continental proclamado por Napoleão. O livro, como afirma Dias, “exala anglofobia”.

É fácil perceber que, se tal texto fosse de autoria de Pombal, indicaria uma discordância entre sua teoria e sua prática, pois, se o livro era uma crítica à aliança luso-inglesa, na prática Portugal e Inglaterra se mantiveram grandes parceiros por longas décadas, no mínimo até a partida da família real para o Brasil em 1808, onde a participação britânica fora essencial. E sabe-se que esta aliança de Portugal com o reino inglês se deve muito às estratégias e articulações políticas de Pombal.

A crítica situação de Portugal em relação ao quadro político-econômico encabeçado pela concorrência entre Inglaterra e França fora analisada criticamente pelo Marquês. A consciência da situação de Portugal no equilíbrio político da Europa fora adquirida nas suas duas missões diplomáticas antes de assumir o cargo de primeiro ministro do rei D. José. É nesse período que germina seu programa de governo. Em 1738, Pombal viajou a Londres onde permaneceu por quatro anos, depois voltou para Lisboa e partiu para Viena retornando em 1749.

Na Inglaterra, foi intermediar o contencioso anglo-luso respeitante ao comércio e à navegação. Nas décadas finais do reinado de D. João V, os ingleses opinavam que Portugal seria um aliado dócil. Pombal percebeu que os poucos mercadores que circulavam pelas praças inglesas eram desrespeitados em seus direitos e sofriam vexações, e logo compreendeu por que o comércio português não se desenvolvia naquelas praças. Os tratados entre as duas nações deveriam ser reformulados, visto que os costumes haviam favorecido os ingleses e prejudicado os portugueses. O Tratado de 1661, que abriu os portos do Brasil e da Índia à navegação inglesa, fora celebrado na conjuntura de guerra entre Portugal e o reino de Castela e com Amsterdã. O Tratado visava uma parceria com a Inglaterra no sentido de ampliar a participação dos produtos portugueses em outros Estados. Ao contrário disso, os ingleses

⁸³ Idi.

arruinaram o comércio português substituindo o tabaco e o pau-brasil pelas lavouras de Virgínia e Mariland. Propondo uma revisão dos tratados de 1654, 1661 e 1703, Pombal explorou com inteligência e imaginação o temor britânico de uma inversão das alianças de Portugal em favor da França.

Em Viena, fora convocado para intermediar entre a Cúria Romana e a corte dos Austrias, missão que estava fadada ao fracasso, pois, conforme alguns historiadores portugueses, havia uma conspiração contra Pombal na corte portuguesa. Pombal, mesmo sendo mal assessorado pelos cardeais e ministros de Portugal, continuou sua missão para não desagradar ao rei e perpetuar sua carreira diplomática.

O marquês tinha em vista um projeto de aliança da Inglaterra (e Portugal) com a Áustria (e a Espanha). O projeto implicava que a Espanha e os reinos da Itália se desligassem da França e da Prússia. Se a França se unisse com a Espanha, a Europa se desequilibraria politicamente. Pombal logo percebeu que a mediação entre a Santa Sé e o Império passava pela questão da italianização do papado e da internacionalização das pendências austro-italianas. Em um de seus relatórios de sua permanência em Viena, considera que a Espanha, a Áustria, a Santa Sé e Flandres não eram mais livres ou menos independentes do que Portugal, podiam mudar de aliança, mas não podiam sacudir o fardo da dependência. Pombal percebeu a importância para a segurança da pátria portuguesa com a integração da Espanha ao bloco que equilibrava o poder com França. Do ponto de vista ideológico, esta integração favorecia a ampliação do “iluminismo católico”⁸⁴ e o aparecimento de uma aliança cultural, dobrada de uma aliança religiosa e política. A distância deste bloco cultural e interestadual, formado pela Espanha, Roma e Áustria em relação à França, favorecia o avanço português para uma menor dependência em relação aos ingleses.

Nessas duas grandes missões diplomáticas, Pombal teve contato com a cultura européia do século XVIII. Na sua biblioteca em Londres havia obras de grandes juristas como Pufendorf e Grocio, e provavelmente teria tido contato com as idéias de Descartes e com os empiristas ingleses como Newton e Locke. Em Viena, seu médico assistente era Von Swieten, discípulo de Boerhave, defensor de reformas pedagógicas e representante do “iluminismo católico”. Pombal se preocupava em adaptar a religiosidade às novas idéias do iluminismo de

⁸⁴ Iluminismo católico é uma expressão utilizada por alguns autores para caracterizar uma corrente de pensamento que, embora tenha influência das “Luzes”, não conseguiu se desvencilhar da fé e de alguns dogmas da Igreja. Também procura dar conta de um certo ecletismo filosófico que procurou conciliar as idéias modernas com o pensamento institucional da Igreja. Pode-se encontrar também variações desta expressão, como “iluminismo mitigado”, “iluminismo reformista”.

forma a projetar o catolicismo na vida civil. Apesar disso, se orgulhava de sua religiosidade e de sua nação, pois considerava Portugal o único reino onde a Religião permanecera pura e ilibada. No entanto, sabemos que mais tarde o marquês praticaria uma política regalista no sentido de fazer do poder sacro um aparelho ideológico do poder temporal. Esse fato fica evidente com a expulsão dos jesuítas em 1759.

Verney seria expulso de Roma em 1771 por influência de Pombal.⁸⁵ Em carta de 8 de fevereiro de 1786 ao oratoriano Padre José de Azevedo, disse: "Eu sim, tive ao princípio particular ordem da Corte de iluminar a nossa nação, em tudo o que pudesse, mas nunca me deram os meios para o executar".⁸⁶ O pensamento verneyano se harmoniza com as reformas pombalinas em muitos aspectos. No entanto, sobre a suposta cooperação de Verney no gabinete de Pombal, se manifestou apenas indiretamente, sem documentos oficiais que o comprovem. Cabral de Moncada comenta o pensamento de Verney: "Esta aí o gérmen de todas as reformas posteriores do século, não só da reforma do ensino, segundo mais geralmente se crê, como antes disso, da própria reforma do romanismo em Portugal, da lei da Boa Razão e da restante legislação pombalina que nela se inspirou."⁸⁷

⁸⁵ VM, v2, p.XLIV

⁸⁶ Apud. ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. **Verney e a projeção de sua obra**. Instituto de Cultura Portuguesa, 1980. p.15

⁸⁷ O mesmo professor entende que Verney introduziu as idéias da Escola do Direito Natural expostas na carta XIII do Verdadeiro Método, "Que ele tivesse sido o causador directo, o deus ex machina de uma grande parte da legislação do Marquês, é, pelo menos discutível. Mas que ele fosse a mais alta consciência, no íntimo da qual se definia e tomava corpo, pouco a pouco, todo o sistema de idéias de que o regime parecia querer tornar-se a concretização política, isso é o que nos parece evidente" cf. ANDRADE, p.76 e.78

2 O PENSAMENTO MODERNO DE VERNEY

2.1 VERNEY, PORTUGUÊS OU COSMOPOLITA?

Um dos traços mais marcantes dos homens do iluminismo era seu caráter cosmopolita. A busca do conhecimento através da razão transcendia a idéia do pertencimento a uma nação. A “República das Letras” se identificava com o projeto de uma sociedade universal, que compartilhava o gosto pelas “Ciências e pelas Artes”. Verney é um cosmopolita que queria iluminar Portugal.

Não existem muitos documentos a respeito da vida pessoal de Verney. De origem francesa, filho de Dionísio Verney e Maria Arnaut, Luis Antonio Verney nasceu em Lisboa, a 23 de julho de 1713. Estudou Filosofia na Congregação do Oratório de Lisboa e, tendo concluído o ensino fundamental, deslocou-se para Évora. Graduou-se mestre em artes, depois de ter sustentado teses públicas de Filosofia. Decorridos poucos anos, concluiu o curso de Teologia na Universidade de Évora.⁸⁸ Em 1736, estabelece-se em Roma, onde cursou as cadeiras de Teologia Dogmática e de Jurisprudência. Verney indica que nessa época, o movimento intelectual francês repercutia mais em Roma do que em Portugal. Em Roma, o pontífice Bento XIV conferiu-lhe a sinecura de arcediogo no arcebispado de Évora, em 1742.⁸⁹

Em Roma, Verney havia se impressionado com escritores como Muratori, autor da obra *Delle Riflessioni sopra il Buon Gusto nelle Scienze e nell’Arti* (Veneza, 1708); Colónia, 1721; Veneza, 1726, 1736, 1744) e de *Diffetti della Giurisprudenza*, 1742; e António Genovesi, que pontificava em Nápoles, tradutor da obra de Locke, *The reasonableness of Cristianity as delivered in the scripture*. Genovesi criticou o inatismo e o silogismo nos *Elementa Artis Logico-Criticae* (1745). Em 1745 editou para seus alunos da Universidade os elementos de Física de Musschenbroeck..⁹⁰ O ambiente intelectual da capital da Igreja, comparado com o português, era muito mais permeável às idéias vindas da França, da Inglaterra e de Flandres:

⁸⁸ Banha de ANDRADE afirma que concluiu o curso de Filosofia, recebendo o grau de Bacharel em 1731 e o de Licenciado e Mestre em Artes dois anos depois. Ibid., p.15

⁸⁹ Arcediogo: autoridade eclesiástica que exerce poderes sobre vigários. Arcebispo: prelado que tem bispos sujeitos à sua autoridade. Sinecura: cargo ou emprego rendoso e de pouco trabalho; emprego cujas funções não se exercem.

⁹⁰ ANDRADE, op.cit, p.19.

Mas isto seria nada: o melhor da festa está na satisfação com que ficam de terem estudado tudo aquilo (método escolástico). Se alguém lhe contradiz um ponto; se alguém quer tomar o trabalho de lhe mostrar que nada daquilo vale um figo; ou que Aristóteles não falou naquele sentido; ou que a Filosofia se deve tratar de outra maneira; e que assim tratam naqueles países que dão leis ao mundo em matéria de erudição, e ainda em Roma, nas barbas do Papa, etc.⁹¹

Em 1746, publicou o *Verdadeiro Método de Estudar*, provavelmente redigido até 1744. Eram dezesseis cartas em português, formando dois tomos, como oferta aos padres da Companhia de Jesus. Seu objetivo, partindo de um idealismo,⁹² era livrar Portugal do atraso em relação às demais nações européias, e como escreveu: "formar homens que sejam úteis para a república e religião".⁹³ Seu livro causou muita polêmica, sendo publicadas várias obras contra seu método. Dentre seus críticos, o mais ferrenho foi um jesuíta que usava o codinome de padre Arsénio da Piedade, que acusava Verney de ser jansenita⁹⁴ e inimigo do reino:

Reina esta moda muito em Inglaterra, França, e Flandres. É posto que muitos destes são Católicos, é necessária grande advertência para separar dos que são suspeitos na Fé, ainda que ordinariamente se achão em Frances, porque nesta língua saem de outras partes, e ainda que sejam nascidos em França, bem sabido é, que lá não faltam Jansenitas.⁹⁵

O *Verdadeiro Método de Estudar* apareceu assinado pelo pseudônimo de "padre Barbadinho". Ainda em 1754, oito anos decorridos da primeira edição, o próprio Verney negava a Francisco de Pina e Melo que lhe pertencesse a autoria da obra.⁹⁶ A autoria só fora constatada à hora da morte, no testamento e seus anexos.

Em 1760, Portugal e a Santa Sé quebraram as relações diplomáticas,⁹⁷ e Verney teve que abandonar Roma. Posteriormente, escreveria cinco cartas ao padre preposto da

⁹¹ VM. Estudos Filosóficos, V.3, p.8.

⁹² "Recordo-me, Excelência, que me haveis dito uma vez que, ocorrendo-me algum pensamento útil ao bem público, eu não deixasse de vo-lo dizer", Idi.

⁹³ Ibid. , p.15

⁹⁴ Doutrina de Cornélio Jansen, bispo de Ipres, sobre a graça e predestinação. Cornelius Jansenius (1585-1638) radicalizou o pensamento de santo Agostinho no tocante à relação entre a graça divina e a liberdade humana, o jansenismo fazia depender a salvação do homem do juízo prévio e insondável do Criador, e não das "boas obras" ou da vontade da criatura.

⁹⁵ REFLEXÕES Apologéticas, p.7.

⁹⁶ Sobre a autoria do *Verdadeiro Método*, ver também Maria Lúcia Gonçalves Pires. p.19.In: Verney, Luis Antonio. **Verdadeiro Método de Estudar: cartas sobre retórica e poética**. Lisboa : Presença, 1991.

⁹⁷ O Papa ficou indignado pela falta de diplomacia do Conde de Oeiras (futuro Marquês de Pombal) que expulsou o nuncio (embaixador do papa junto de um governo estrangeiro), Acciouioli, que não o havia convidado para o casamento do infante D.Pedro, irmão do rei, com a princesa D.Maria, sua sobrinha e herdeira do trono. Querendo Francisco de Almada e Mendonça, primo de Sebastião José de Carvalho e Mello (futuro Marquês de Pombal) e embaixador de Portugal no Vaticano, entregar uma nota justificativa da atitude nada cortês para o pontífice na pessoa do nuncio, Clemente XIII negou-se a recebê-lo. Em julho de 1760, na igreja portuguesa de Santo António, em Roma, colaram-se editais com o aviso da ruptura entre as duas potências, e ordem aos portugueses para abandonarem a capital pontifícia e os territórios anexos. E, no dia 7 daquele mês, partiu Mendonça, e também Verney.

Congregação do Oratório datadas em Pizza, até 1767. E a última de 1769, em Veneza. Mas acredita-se que tenha se estabelecido em Pizza, pois de lá datou algumas cartas entre 1765 e 1766. Mais tarde, Verney caiu no desgosto do embaixador Francisco de Almada e Mendonça sofrendo retaliações e ingratidão. Foi desterrado pelo Papa, por meio de Pombal, para a Toscana, onde passou os dez anos restantes de sua vida.⁹⁸ Dois anos após ser nomeado para a Mesa de Consciência e Ordens (dignação meramente honorífica), Verney morre no dia 20 de março de 1792.

Verney enfatiza a importância da História na compreensão das demais ciências. Mas o mais importante é o uso da História para corroborar suas argumentações teóricas. Quase sempre baliza sua linha de raciocínio por uma prévia História da idéia a que está discutindo.

Isto suposto, acho que o melhor modo de desenganar esta gente é mostrar-lhe os seus prejuízos é por-lhe diante dos olhos uma breve história da matéria que tratam; e persuado-me que este é o mais necessário prolegómeno em todas as ciências...poupa-se muito trabalho e muito estudo: adianta-se um homem muito na inteligência da matéria e só assim fica capaz de ouvir o que se deve e desenganar-se de si mesmo.⁹⁹

A influência e a projeção da obra de Verney foi bastante ampla na cultura portuguesa. Na Europa, fora publicado em Paris um resumo da obra de Verney em 1762 intitulado *Essai sur les moies de rétablir les Sciences et les lettres en Portugal*. Na Espanha, D. Maymó y Ribes, doutor em Teologia e Leis, publicou uma tradução do V.M em 1760. Com a viagem a Espanha do Oratoriano mexicano Bento Dias de Gamarra, a Lógica verneyana foi transplantada para os *Elementa Recentioris Philosophiae*, editados na cidade do México em 1774. No Brasil: Merece destaque o Bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1742-1821), geralmente apontado como figura máxima do “Iluminismo no Brasil”.¹⁰⁰

Verney era um “iluminista português estrangeirado”, porém, embora defendesse o abrandamento, da Inquisição tinha uma opinião bastante contrária ao espírito do Iluminismo sobre este tema:”tenho a opinião de que aquele Tribunal é muito necessário em Portugal, a fim de conter as populações e evitar que elas, por superstição ou leviandade de espírito, caiam em doutrinas absurdas.”¹⁰¹

⁹⁸ O organizador de outra edição do Verdadeiro Método, Domingos Barreira, acusa severamente o Marquês: "O verdugo do padre Malagrida, o incendiário da Trafaria, o estrangulador das consciências livres, que ensandeceu de susto o povo; o monstro que inventou, em todas as minúcias, o diabólico suplício dos Tavoras, não resistiu à perspectiva de assassinar pela fome o pensador verdadeiramente europeu que tivemos no século XVIII - o pedagogo e filósofo que lhe inspirou o melhor do seu reformismo". **Verdadeiro Método**, edição organizada pelo professor Domingos Barreira. Coleção Portugal, p.29

⁹⁹ VM, **Estudos Filosóficos**, v. 3, p.19.

¹⁰⁰ ANDRADE, op.cit, p.82,83,86 e 91.

¹⁰¹ Em exertos de cartas endereçadas a Luís Muratori e a Aires de Sá Melo. Apud. ANDRADE, p.107

No fim da vida, Verney já não podia ler nem escrever. Além da tristeza que semelhante estado de saúde lhe causava, sofria a pobreza e o quase abandono de seus naturais.¹⁰² “No dia 20 de março de 1792, o Ilustríssimo Cavaleiro Luis Vernei, filho do defunto Dionisio, da diocese de Évora, quase 70 anos de idade foi insultado de um mal repentino... (confessado) e ungido, por espaço de 8 dias destituído ou falto, expirou.”¹⁰³

2.2 O SISTEMA VERNEYANO

Verney critica, com muitos argumentos e assertivas, os pontos nevralgicos do antigo método de estudar escolástico. A primeira parte da Carta Oitava sobre Filosofia segue uma linha de apresentação desse problema muito clara, de acordo com o sumário apresentado por Verney: “Trata-se da Filosofia. Mau método com que se ensina em Portugal. Advertência das outras Nações em procurar a Ciência. Necessidade da História da Filosofia para se livrar de prejuízos. Idéia da Série Filosófica. Danos e impropriedades da Lógica Vulgar (Silogismo). Dá-se uma idéia da boa lógica.”¹⁰⁴

Verney aponta os vários aspectos da resistência à Filosofia Moderna, dentre eles o preconceito da inferioridade cultural do estrangeiro. Referindo-se aos homens de letras portugueses: “Eles confundem todos os autores modernos, e, sem mais exame, os acusam dos mesmos erros, e, com estranha dialética, os condenam de ignorância.”¹⁰⁵

Estudos de Medicina, Teologia e ambos os Direitos partiam de uma orientação filosófica aristotélica. Assim, como não havia uma metodologia especializada para cada uma das ciências, partia-se de uma metodologia única:

Examine V.P. o método que segue um estudante que entra nessa Universidade para estudar Medicina; veja que autores estuda, e ficará bem persuadido que não é possível que este homem saiba nunca Medicina. Todos estes médicos são Galênicos; e todos fundam o seu sistema na Flisofia Peripatética...¹⁰⁶

¹⁰² Ibid. , p.12

¹⁰³ Apud. ANDRADE, p. 12

¹⁰⁴ VM. **Estudos Filosóficos**. v. 3, p.1.

¹⁰⁵ Ibid. , p.12.

¹⁰⁶ V.M. **Estudos Médicos, Jurídicos e Teológicos**, v.4, p.28. Verney demonstra que o maior equívoco da Medicina Peripatética era o ódio pela Anatomia. Cf, p. 24.

Um desses pontos se refere ao silogismo, que poderia ser grosseiramente definido como um método de explicação através de recursos bastante complexos de retórica.¹⁰⁷ Verney traça uma pequena história do silogismo: iniciou no Ocidente no século IX, e aumentou no XI; e durou até o meio do século XVI. Verney não afirma que tal método seja totalmente inútil, mas muito complexo para poucos resultados. A ele, Verney põe o estilo "dialético", "o estilo de falar conciso e breve", sem aquelas figuras que constituem o estilo retórico. Ele os associa aos sofistas. Verney argumenta que o investigador, crítico, o homem de ciência atem-se às observações diretas e pessoais; o sofista raciocina por dados especulativos, e o silogismo fornece-lhe um instrumento precioso para as suas especulações infundadas: "Poderão as palavras e modo com que se diz dar mais luz às razões; mas palavras sem razões nada provam".¹⁰⁸ Dessa forma, o Silogismo, como método, não possibilita a ampliação do conhecimento, devendo ser substituído pela razão experimental:

A verdade e a razão é uma só. Todos podemos discorrer e entender o que nos dizem; e quem fala em maneira que melhor o entendam, e prova melhor o que diz, esse é que se deve seguir com preferência aos outros... Esta é a pedra de toque não só da lógica, mas de qualquer outra faculdade: temos por princípio coisas tais, que os entendam todos os que dão alguma atenção às ditas regras.... Importa pouco o que disse este ou aquele da lógica; o que importa é facilitar os meios para não se enganar e buscar para isto um método que a "boa razão" persuade ser útil, e os homens que têm voto na matéria reconhecem, com razão e experiência, ser o único meio para conseguir aquele fim. Além disso, propô-lo de um modo que qualquer pessoa de juízo se capacite da dita verdade.¹⁰⁹

Verney subordina todo o seu sistema à razão, porém não abre mão de recursos que venham a facilitar o esclarecimento dos homens, pois a verdade se deixa persuadir quando lhe é dada atenção. Para estimular a atenção, Verney distingue o orador do filósofo.

Ambos têm por objeto a Verdade; mas o Filósofo não costuma mover a vontade; contenta-se de expor as razões; porém, se acaso não acha um leitor sem prejuízos e preocupações, não conclui nada. Mas o Orador move as paixões, excita a curiosidade, mostra a verdade de tantos modos, com tanta clareza, com tanta eficácia, desfaz os prejuízos com tanto estudo, que finalmente convence o ouvinte.¹¹⁰

¹⁰⁷ O silogismo é um processo habilíssimo de argumentar ensinado por Aristóteles no Organon e usado com fanático excesso pelos seus postiladores da Idade Média. Os escolásticos recorriam ao silogismo como um instrumento infalível nas especulações Teológicas e metafísicas. São assaz complexas as regras da silogística. O Silogismo poderia ser considerado de forma sintética como uma metáfora donde se retiraram determinadas conclusões. Por exemplo: Todo homem é animal, Pedro é homem, logo Pedro é animal.

¹⁰⁸ V.M. **Estudos Filosóficos**, v.3, p.54.

¹⁰⁹ Ibid., p.78.

¹¹⁰ V.M. **Estudos Literários**, v. 2, p.147.

Da mesma forma, critica a física dos peripatéticos,¹¹¹ estes desprezavam a experiência pelo que ela tinha de iconoclasta. Para Verney, a Física, sinônimo de Filosofia, é conhecer as coisas pelas suas causas, ou conhecer a verdadeira causa das coisas.

Defende que não devemos querer que a natureza se componha segundo as nossas idéias; mas devemos acomodar as nossas idéias aos efeitos que observamos na natureza.

Verney opõe a este método o que ele chama de "boa filosofia", termo que associa como sinônimo de ciência. Verney tinha consciência de que seus opositores interpretavam as filosofias modernas como de Galilei, Descartes, Gasendo e Newton como heréticas.

Comenta o impulso dado às ciências naturais com a fundação das academias, em 1662-63, a de Londres; 1666, a de Paris. Em vários lugares da Europa já se ensinava publicamente a Filosofia Moderna, nos reinos da Itália, França, Alemanha e até mesmo em alguns colégios jesuítas na Itália.¹¹² “Não se justifica o preconceito aos modernos, uma vez que a filosofia moderna já está introduzida entre Católicos doutos”.¹¹³

Trechos do Verdadeiro Método de estudar compreendem idéias compiladas de Locke, principalmente do seu "Ensaio sobre o entendimento humano".¹¹⁴ Essa influência é muito forte nas críticas ao silogismo, de que se ocupou bastante Locke. Em relação a Descartes:

Eu certamente não sou Cartesiano, porque me persuado que tal sistema, em muitas coisas, é mais engenhoso que verdadeiro; mas confesso a V.P. que não posso falar no tal Filósofo sem grandíssima veneração. Este grande homem na Matemática foi insigne, e inventou algumas coisas até ali ignoradas, e promoveu outras com felicidade. Em matéria de Filosofia, acho que foi inventor de um sistema novo. Isto não parece nada aos ignorantes; mas aos homens que entendem qual é a dificuldade de inventar, e inventar com tanta propriedade, que ainda depois de descobertas as máquinas, grande parte das experiências esteja da sua parte, é sinal de um engenho elevadíssimo e de grande critério. Além disso, ele foi o primeiro que abriu a porta à reforma dos estudos; pois, ainda que Bacon de Verulâmio e Galileu Galilei tivessem indicado o método de fazer progressos na Física (e alguns outros os fossem imitando), é certo, porém, que Descartes foi o primeiro que fez um sistema ou inventou hipótese para explicar todos os fenômenos naturais, e por este princípio abriu a porta aos outros para a reforma das Ciências.¹¹⁵

Verney não diz que Descartes é desconhecido em Portugal e que ninguém chegou a ler sua obra. Uns não compreendem, outros o combatem sem leitura, reclama por interlocutores.¹¹⁶

¹¹¹ Escola fundada por Aristóteles através do legado deixado por Platão.

¹¹² V.M. **Estudos Filosóficos**. v. 3, p.35.

¹¹³ Idi.

¹¹⁴ Entre as páginas 54 e 97 observamos uma subordinação total a Locke, também ver p.198-203. Idi.

¹¹⁵ Ibid. , p.14 e 15.

¹¹⁶ Ibid. , , p.15 e 16.

Em última instância, para Verney a razão é a faculdade pela qual se supõe o homem é distingue-se das bestas, e pela qual é evidente que ele as ultrapassa. É também a faculdade que descobre os meios, e corretamente os aplica, para descobrir a certeza em um e probabilidade no outro. Contém duas faculdades, a sagacidade e a ilação; por uma, ela descobre; pela outra, organiza as idéias intermediárias a fim de descobrir que conexão há em cada elo da cadeia. (Raciocinar: capacidade de fazer conexão entre idéias). O silogismo peca porque somente une os extremos de uma proposição, e não a conexão do meio com os extremos. Não permite o encadeamento de todos os elementos de evidência que constituem um conhecimento a respeito de algo. Afinal de contas, antes de Aristóteles ninguém raciocinou bem? Verney reivindica a capacidade natural do homem de raciocinar: “A capacidade de discernir evidências é tão natural quanto o ato de comer, não precisamos ter consciência toda do processo.”¹¹⁷

Para Verney, os silogismos, além de serem inúteis, são prejudiciais. Verney recomenda toda uma nova visão de mundo que seria avessa aos “intelectuais” portugueses. O que se estudava nas escolas não tinha utilidade fora delas, já não se adequavam mais às necessidades de uma nação. Além de serem extremamente complexos e prolixos, não explicam nada sobre o que deveria constituir uma Física: “São arengas que confundem o juízo e para coisa nenhuma serve... Para mostrar a V.P o merecimento destas questões, basta pedir-lhe queira refletir e examinar que utilidade delas se tira para ser bom Físico.”¹¹⁸

O meio para uma mudança era uma disputa pública onde deveria haver um critério comum da acepção de verdade. Portanto, era essencial a superação do Silogismo, que era a forma de argumentar da maior parte das disputas portuguesas.

A mesma linha crítica ele aplica aos conceitos escolásticos dos acidentes,¹¹⁹ dos predicamentos,¹²⁰ a causa Final e Exemplar¹²¹ e outros.

¹¹⁷ "A razão disto é porque, sem tanta erudição, a máquina do nosso corpo está disposta em modo que, metendo o comer na boca e querendo mastigar, tudo aquilo se faz sem estudo ou reflexão alguma. Da mesma sorte, a máquina espiritual da nossa alma (se me é lícito servir-me desta expressão) recebeu tal faculdade de Deus, que conhece todas as coisas evidentes, e especialmente a conexão de umas com outras, sem estudo ou artifício algum, ainda que nesse mesmo acto de conhecer pratique aquilo que superfluamente aprenderia de outro". Ibid. , p.71.

¹¹⁸ V.M. Ibid. , p. 152-153.

¹¹⁹ "O acidente da cor não é uma entidade distinta da substância, fato que é comprovado à luz das descobertas no campo da Física da Luz. Ibid. , 128.

¹²⁰ Uma das dez classes a que Aristóteles reduziu todas as coisas.

¹²¹ "Tudo se funda em que há no mundo uma ação, cuja natureza é ser dependência do Fim e do Exemplar...o agente racional que obra alguma coisa tem seu Fim, pelo qual o faz; e muito o faz para imitar alguma coisa, a que chamam Exemplar. E isto entende-se facilmente sem explicações; mas de nenhum modo conduz para entender o que é Física", Ibid. , p.154.

Verney se indigna com a separação da Metafísica da Física, sua separação deve-se a uma reorganização dos textos antigos criados pelos Peripatéticos, e que, sem explicação - talvez por tradição -, vigoravam nos meios acadêmicos portugueses.

Verney dirige críticas diretas a determinados autores renomados da época, a exemplo de Benito Jerónimo Feijóo y Montenegro (1676-1764); a obra desse padre beneditino tem o mesmo caráter crítico do Verdadeiro Método de Estudar para o caso espanhol.¹²² Sua principal obra *Theatro Crítico Universal ó Discursos varios en todo o genero de materias para desengañõ de errores comunes* (1726--39) combate as crenças populares e o obscurantismo na Espanha. Suas idéias também causaram polêmica e houve muitos críticos debatedores. Verney não se surpreende com as explicações de Feijóo. O póstico da obra de Feijóo é uma argumentação contra o provérbio popular *Vox Populi, vox Dei* (a voz do Povo é a voz de Deus). Para Verney: “qualquer bom Filósofo, e que tenha um juízo claro, reconhece que não há conexão nenhuma entre a voz do Povo e a voz de Deus.”¹²³

Exemplifica com as beatas que são "canonizadas pelo Povo serem depois castigadas publicamente pelo Santo Ofício";¹²⁴ "se vêem mil impostores que enganam por muito tempo os Povos".¹²⁵ A boa Lógica aplicada a essas matérias poupa todos esses discursos. Verney critica Feijóo por ser Peripatético e por não saber Matemática: "como é possível que discorra bem da Física".¹²⁶ Até mesmo opositor mais encarniçado do padre espanhol, Salvador José Mañer (1676-1751), é criticado por Verney.

Verney tinha uma idéia própria para o que ele chamava de boa Filosofia. Nesse sentido, deveria se levar em conta: “A principal parte da Filosofia que é a Física, visto que a Lógica parece ser somente uma disposição do entendimento da natureza das coisas, o que se alcança por meio das suas propriedades e da redução aos próprios princípios.”¹²⁷

A Física "é a ciência que trata da natureza das coisas, cujas pretende alcançar por meio das suas propriedades".¹²⁸ Reclama uma determinada conduta em relação aos fenômenos naturais, devendo-se evitar: “Ser hipotético na explicação das causas (que é o mesmo que

¹²² Benito Jerónimo Feijóo y Montenegro (1676-1764); benedito do mosteiro de S.Julião de Samos, que procurou combater, com a maior projeção possível (por isso em forma muito acessível a toda a categoria de leitores), todos os erros e superstições, ao mesmo tempo que divulgava as aquisições científicas que ia respingando por publicações estrangeiras (Diários de Academias, Dicionários enciclopédicos recentes) ou por informações de pessoas autorizadas com quem se dava. Citado pelo comentador Antonio Salgado Junior, Ibid. , p.158.

¹²³ Ibid. , p.161.

¹²⁴ Ibid. , p.162.

¹²⁵ Idi.

¹²⁶ Ibid. , p.164.

¹²⁷ Ibid. , p.121.

¹²⁸ Idi.

dizer maus Filósofos)...¹²⁹ Por isso, os Cartesianos e Gasendistas, ainda que se chamem modernos porque se fundam nas experiências, contudo são filósofos hipotéticos (que é o mesmo que dizer maus Filósofos), porque supõem muitas coisas que não provam.”¹³⁰

Então adverte que "nem tudo o que passa com o nome de Filosofia Moderna se deve admitir".¹³¹ E por isso Verney demonstra sua preferência por Newton¹³² a Cartésio e Gasendo".¹³³ pois defende a experiência como fonte da verdade.¹³⁴ Mesmo assim Verney recomenda cuidado em relação a estas comparações:

Quem lê por Newton, Musschenbroek, Gravesande, De Martino, Keill, e outros Filósofos semelhantes, - este homem, ainda que se encontre com Fabri, ou Tosca, ou Saguens, ou Cordemoi, ou Regis etc. e outros modernos hipotéticos, saberá neles deixar o que deve, escolher o melhor, emendar algumas coisas, e finalmente separar o branco do negro.¹³⁴

Mas, para empregar-se nesses estudos, é necessário ter primeiro os requisitos necessários: Geometria e Aritmética, "entre os homens doutos, querer ser Físico sem Matemática é heresia".¹³⁵

Verney lamenta "que o jurar determinada doutrina é o primeiro impedimento para toda a sorte de estudos".¹³⁶

Verney ressalta a necessidade de falar bem o francês e o italiano para ficar inteirado das principais obras que circulavam pela Europa: “Para ser bom Filósofo, não é necessário saber latim, coisa que os Peripatéticos nunca entenderam (....) No presente podemos saber muito sem saber Latim. Quase tudo se encontra traduzido para o vulgar”.¹³⁷

No entanto: “(...) em Portugal pratica-se o contrário com tanto empenho, que quem defendesse umas conclusões de Filosofia em Português, perderia o conceito”.¹³⁸

O latim era considerado língua universal, e base de expressão para a Filosofia. Percebemos que costumava haver certa seleção de obras a partir do idioma em que era escrita, havendo certo preconceito em relação àquelas escritas em "vulgar".¹³⁹ Essa, tendência parecia ser muito forte em Portugal, Verney reivindicava a prática do vernáculo, ou seja, do português, para tornar mais acessível os novos conhecimentos da época:

¹²⁹ Ibid. , p.128.

¹³⁰ Ibid. , p.201.

¹³¹ Ibid. , p.252.

¹³² Entre as páginas 208-209, Verney expõe com clareza sua preferência por Newton, explicando os princípios que constituem a base da Física moderna (as leis de Newton). Idi.

¹³³ Ibid. , p.201.

¹³⁴ Ibid. , p.203.

¹³⁵ Ibid. , p.217.

¹³⁶ Ibid. , p.178.

¹³⁷ Ibid. , p.230.

¹³⁸ Idi.

¹³⁹ Termo utilizado por Verney.

“Onde, digam o que quiserem os portugueses, é sem dúvida que podemos ser homens muito doutos sem saber Latim”.

Mas, tornando à Física, todas as Nações cultas têm-na escrita na sua língua. Holandeses, Iudescos, Ingleses, todos escrevem em vulgar, mas quase tudo isto acha-se traduzido em Francês; e, se ajuntamos as muitas obras francesas que nesta matéria aparecem todos os dias, vem daqui que a língua francesa seja hoje necessária e quase vulgar das Ciências; e de sorte que quem a não fala, pelo menos entende-a. Os nossos italianos, que até aqui aprendiam o francês para lerem as tais obras, picados disto, começaram a escrever também em vulgar...¹⁴⁰

Com relação à Política, percebemos concordância com o pensamento lockeano do direito natural quando afirma que "não se passa virtudes ou vícios pelo sangue".¹⁴¹ Destaca-se o valor dado por Verney à Ética, constituída por exemplos civis tirados da História. Considerava-a no mesmo plano da Jurisprudência, do Direito, da Lei natural e da Lei das gentes. Ela daria conta de todos esses termos utilizados na época que "ensina o modo de regular as ações dos homens particulares enquanto são membros da sociedade civil".¹⁴² Verney sugere indiretamente a substituição da moral religiosa pela Ética, mais útil às necessidades da sociedade civil.¹⁴³ Nesse aspecto, será muito censurado por seus críticos, que desprezavam a necessidade da Ética, pois tudo que concerne a este termo se encontrava na Religião.

Na matéria da Ética, Verney faz advertências ao que ele chama de autores pouco recomendáveis como Maquiavel, Hobbes e Espinoza: “esse por tirar a liberdade do homem e confunde o Homem com Deus, e tudo isto debaixo de belíssimas expressões que podem enganar qualquer”.¹⁴⁴

A mais estranha de todas é em relação a Locke, pois até aqui acreditamos que tenha sido a sua maior influência, principalmente quando falamos do Locke pedagogo de *Some Thoughts concernig Education*.¹⁴⁵ No entanto, esta contradição só se refere à matéria da Ética.

Finalizando estes comentários sobre o Verdadeiro Método de Estudar, segue o posicionamento de Verney em relação à sua fé, que consideramos de extrema atualidade e bom senso, embora não pareça muito apropriada para um padre daquela época: “São todos obrigados a reconhecer que existe uma cousa inteligente que não é matéria, a qual produziu

¹⁴⁰ Ibid. , p.231 e 232.

¹⁴¹ Ibid. , p.276.

¹⁴² Ibid. , p.292.

¹⁴³ Verney diz não haver um bom compêndio sobre a Ética no seu tempo, mas enquanto permanecesse esta carência, poderiam ser utilizados Grócio e Pufendorf com algumas ressalvas.(294)

¹⁴⁴ Ibid. , p.297.

¹⁴⁵ Acredita-se que Verney tenha tido contato com as obras de Locke através das traduções de Pierre Coste dos *Thoughts* em 1695 e a do *Essay* em 1700.

não só o mundo, mas a mesma matéria. Provado isto, fica claro que há Deus; porque isto queremos significar por esta palavra Deus.”¹⁴⁶

As cartas de Verney sobre a Filosofia constituem um sistema próprio, um sistema que procura conciliar o que havia de melhor na Filosofia até então, um sistema verneyano. Sua obra representa uma consciência européia,¹⁴⁷ pois estava inteirado da maior parte das discussões que englobavam o debate Iluminista. De forma sensata, elenca uma série de referências que hoje são, fundamentalmente, a base de toda a Filosofia Moderna. Através da análise de Casini, constatamos que Verney percorreu o mesmo caminho da maioria dos filósofos modernos para chegar ao newtonianismo. De outra parte, no aspecto da filosofia política, verificamos uma forte influência de Locke.

2.3 QUESTÃO DE GÊNERO EM VERNEY

No final de sua obra, Verney dedica um *Apêndice sobre o Estudo das Mulheres*, detalhe do *Verdadeiro Método* que não teve o destaque merecido até então. Verney procura refutar a *pretensa inferioridade intelectual da mulher e sua necessidade de estudos*.¹⁴⁸ Aqui se manifesta com muita intensidade a busca da utilidade da mulher na sociedade portuguesa. Sobre este assunto, como admitiu o próprio Verney, fez uso da obra de M.de Fénelon, arcebispo de Cambrai.¹⁴⁹

Verney recomenda que “com as mulheres se deve praticar o mesmo que aponte dos rapazes”,¹⁵⁰ referindo-se à opinião da maioria dos portugueses (“estes Catões Portugueses”) de que as mulheres não deveriam estudar: “Pelo que toca à capacidade, é loucura persuadir-se que as Mulheres tenham menos que os homens. Elas não são de outra espécie no que toca a alma; e a diferença do sexo não tem parentesco com a diferença do entendimento. A experiência podia e devia desenganar estes homens.”¹⁵¹

Aqui, Verney se mostra mais uma vez um adepto do empirismo, visto que determinados conhecimentos se adquirem pela observação constante dos fenômenos. Porém percebe-se que ele está mais preocupado com relação ao aspecto da utilidade:

¹⁴⁶ Ibid. , p.246.

¹⁴⁷ Consideramos aqui o conceito defendido por CASINI, op.cit.

¹⁴⁸ V.M. **Estudos Canônicos** – Regulamentação – Sinopse. v. 5, p.123-148.

¹⁴⁹ Ibid. , p.126.

¹⁵⁰ Ibid. , p.127.

¹⁵¹ Ibid. , p.124 -125.

Quanto à necessidade, eu acho-a grande que as mulheres estudem. Elas, principalmente as mães de família, são as nossas mestras nos primeiros anos da nossa vida: elas nos ensinam a língua; elas nos dão as primeiras idéias das coisas. E que coisa boa nos hão-de ensinar, se eles não sabem o que dizem? Certamente que os prejuízos que nos metem na cabeça na nossa primeira meninice são sumamente prejudiciais em todos os estados da vida; e quer-se um grande estudo e reflexão para se despir deles. Além disso, elas governam a casa, e a direcção do económico fica na esfera da sua jurisdição.¹⁵²

Verney queria elevar o conhecimento das mulheres, não apenas daquelas que já possuíam um papel definido como as freiras, mas da mulher comum. Seus apontamentos refletem sobre as relações de gênero no Setecentos português, um campo de investigação relativamente novo dentro da atual historiografia:

As Freiras já se sabe que devem saber alguma coisa, porque hão-de ler livros latinos. Mas eu digo que ainda as casadas e donzelas podem achar grande utilidade na notícia dos livros. Persuado-me que a maior parte dos homens casados que não fazem gosto de conversar com suas mulheres, e vão a outras partes procurar divertimentos pouco inocentes, é porque as acham tolas no trato; e este é o motivo que aumenta aquele desgosto que naturalmente se acha no contínuo trato de marido com mulher. Certo é que uma mulher de juízo exercitado saberá adoçar o ânimo agreste de um marido áspero e ignorante, ou saberá entreter melhor a disposição de ânimo de um marido erudito, do que outra que não tem estas qualidades; e, desta sorte, reinará melhor a paz nas famílias.¹⁵³

O conhecimento mais importante que deveria ser ensinado às mulheres era o de Economia, termo que abrangia a administração da casa:

Diz M.Rolim com razão que este é o fim para que a Providência as pôs neste mundo: para ajudarem os maridos ou parentes, empregando-se nas coisas domésticas no mesmo tempo que eles se aplicam às de fora. Por este nome de Economia entendo saber o preço de todas as coisas necessárias para uma casa e a melhor qualidade delas, como também em que tempo se devem fazer as provisões de casa, o que importa muito para poder poupar.¹⁵⁴
...Além disso, deve uma donzela aprender a ter o seu livro de contas, em que se assente a receita e despesa; porque, sem isto, não há casa regulada.¹⁵⁵

Já para o campos das artes, Verney segue o mesmo tratamento dado à poesia dentro de sua obra, esta não era necessária à República, pois não era útil, era apenas para o divertimento.¹⁵⁶

¹⁵² Ibid. , p.125.

¹⁵³ Ibid. , p.126.

¹⁵⁴ Ibid. , p.137.

¹⁵⁵ Ibid. , p.139.

¹⁵⁶ V.M. **Estudos Literários**. v. 2, p.336.

Quanto ao cantar e tocar instrumentos, não me parece ser de precisa necessidade às mulheres, ainda civis. Se se aprendesse quanto bastava para entreter, ou no campo, ou em casa, a sua família, não o condenaria. Sucede algumas vezes que uma filha que canta e toca diverte um pai, ou mãe, que padece enfermidades habituais; e, neste caso, o ter estas prendas pode ser virtude e ter merecimento.¹⁵⁷

2.4 REFLEXÕES APOLOGÉTICAS*

Sendo que o Ensaio sobre o Entendimento, obra publicada pelo ilustre inglês, constitui um dos mais belos e mais estimados livros do tempo atual, tomei a resolução de fazer-lhe observações, visto que, tendo meditado desde há muito tempo sobre o mesmo assunto e sobre a maior parte dos pontos nele trabalhados, acreditei que seria uma boa ocasião para publicar algo novo sob o título de Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano e para propiciar uma penetração favorável para as minhas idéias, colocando-as em tão boa companhia.¹⁵⁸

Nesse prefácio da obra de Leibniz, "Novos ensaios sobre o entendimento humano", podemos perceber que se trata de um diálogo crítico entre ele e Locke. Até mesmo o título remete a uma resposta ao "Ensaio sobre o entendimento humano" do autor inglês. Esse momento da História das Idéias remete à grande polémica das Idéias Inatas. O que importa salientar é o aspecto crítico desse diálogo. Primeiramente, Leibniz demonstra profundo conhecimento da obra de Locke e, depois, sobre a forma como situa a polémica, que pode ser melhor caracterizada como a seguir:

Todavia, bem longe de discordarmos do mérito dos escritores célebres, prestamo-lhes testemunho ao manifestarmos em que e por que a sua autoridade prevaleça sobre a razão em certos pontos de importância; além disso, satisfazendo a homens tão eminentes, tornamos a verdade mais aceitável, devendo-se supor que é antes de tudo por amor à verdade que tais homens trabalham.¹⁵⁹

Em Portugal, esse processo se deu de forma diversa: a crítica é limitada por uma autoridade, representada por um determinado conjunto de autores como Tomás de Aquino, Duns Escoto, Aristóteles e sobre os manuais portugueses que se apoiaram nas obras destes autores. Foi publicada uma obra intitulada *Reflexões Apologéticas a Obra Intitulada Verdadeiro Método de Estudar*,¹⁶⁰ de autoria do frey Arsenio da Piedade.¹⁶¹ Hoje, sabe-se que

¹⁵⁷ Ibid., p.143.

*LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1992. p. 3. A obra foi redigida entre 1701 e 1704 e foi publicada em 1765.

¹⁵⁸ Idi.

¹⁵⁹ Merecem alguns comentários em relação a esta fonte. Um primeiro aspecto a salientar se refere à grafia do texto, o "s" e o "f" tem valores fonéticos idênticos, nas citações foram convertidos ao seu valor atual.

se tratava do jesuíta José de Araújo, que talvez tenha sido o maior opositor de Verney. As palavras de apresentação do editor denunciavam os propósitos de sua publicação:

Houve entre os sábios da nossa corte hum dos que veneramos com mayor respeito, que com verdadeiro zelo quis desagrar o credito da Nação ingratamente offendida pela livre mordacidade de hum Critico, que talvez, como monstro em si alimentou, mostrando com subtilíssimas Reflexoens os muitos erros, e alguns perniciosos, que pretendia simuladamente introduzir.¹⁶²

Para Niculao Francez Siorum, editor da obra de Arsenio, o título da obra é mentiroso, pois não tem nada de verdadeiro, a começar pela autoria. Arsenio também duvida da identidade do autor da obra, que na sua opinião não faz parte da ordem á qual diz pertencer, pois: “Ele bem se dá a conhecer, e já muitos o vão descobrindo, porque as Cartas são retratos, que representam o seu original; e assim como pela fala conhecerão por Galileu a S.Pedro.... assim pelo estilo desta útil obra se reconhece o Galileu, ou Galileus, que a ordenarão.”¹⁶³

O preconceito a Galileu revela-se uma grande barreira ao desenvolvimento do pensamento científico em Portugal, visto que os Historiadores da Ciência costumam considerar a sua obra como marco epistemológico da ciência moderna.

O frei Arsenio fica perplexo com as considerações de Verney no *Verdadeiro Método* a Duns Escoto e Santo Tomás de Aquino:

Entre os filhos de numerosa família Serafica houvesse hum, que se atrevesse a dizer mal de Escoto?...a audacia com que contra um gigante da sabedoria se atreve hum pigmeo, sem mais autoridade que a sua vaidade; e sem mais fundamento que o da sua idea, queira lançar fora das aulas das Universidades a tão grande homem. La fahe com quatro livrinhos Francezes, talvez, doze, para caberem no bolso, e mande Deos não sejam alguns nascidos em Holanda, ou Inglaterra, feitas criticas da moda...e o que direi da, fatuidade com que critica a doutrina de Santo Thomaz¹⁶⁴

Na sua *Resposta as Reflexões* (obra escrita para se defender das críticas ao VM), Verney adota a estratégia do anonimato, fingindo desconhecer o autor das *Respostas as Reflexões* (que hoje sabemos ser de autoria de Verney):

E que doutrina tendes vós para falar a campo contra homem de semelhante erudição? E que dirá o autor, se lhe chegar a notícia, que respondestes desta maneira? Será possível que tenhais

Outro ponto fundamental é que a ortografia oficial do português estava em construção, o próprio Verney propõe uma série de alterações.

¹⁶⁰ DIAS. **Portugal e a Cultura Européia**, op.cit, p.208

¹⁶¹ Palavras do editor Niculao Francez Siorum no prefácio da Obra *Reflexões Apologéticas*.

¹⁶³ *Reflexões Apologéticas*, p.2.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p.2 e 3.

o atrevimento de dizer, que estudastes todas as materias que o crítico trata? Ou a vaidade de afirmar, que a sabeis, não digo eu com fundamento, mas ao menos superficialmente? E se nunca as estudastes, nem sonhastes estudá-las, com que cara vos atreveis a falar nelas? Com que confiança abris a boca em materias, que nunca vistes? Que homem prudente poderá aprovar esta loucura?¹⁶⁵

O que se observa é uma forte resistência às chamadas idéias modernas.¹⁶⁶ Para simplificar o caráter dessas obras, Arsenio os acusa de não possuírem firmeza na fé e de: "... concordar muito com as invectivas dos hereges contra todos os Doutores escolásticos, e como não podem com razões desfazer a doutrina, procuram desfazer nos Autores."¹⁶⁷

Arsenio valoriza muito a autoridade dos grandes clássicos, e acredita que, necessariamente, só se torna um grande letrado através da erudição, e que não se pode deixar atrair pelas "promessas de que com pouco trabalho, e em breve tempo ficarão grandes letrados".¹⁶⁸ Existe um forte apelo político em suas argumentações. Critica os modernos como estrangeiros pertencentes a uma moda vinda da Inglaterra, França e Flandres.¹⁶⁹ Estes...

... fizerão os animaes viventes automatos, e insensíveis...tirarão a definição ao homem duvidando, que se defina ANIMAL RACIONAL...O globo da terra, que até agora tínhamos por redondo, apparece ovado, e em continuo movimento na nova idea de Copernico, ficando o sol parado, sem ser a rogar de Josué; ao ar derão-lhe um grande pezo, e pobre da alma racional lá a prenderão na cabeça, sem consentirem, que visitasse as demais partes do corpo humano.¹⁷⁰

Aqui podemos perceber que Arsenio não admite a hipótese do movimento da terra, muito menos a idéia de homem como um animal racional. No entanto, não se aprofunda em suas críticas, mantendo sempre uma postura defensiva. Compara Verney a um alfaiate que: se aparece alguma coisa má ou menos ajustada, lá vai a tizourada...mas se a sciencia do mestre alfaiate é como a sua gaveta, onde se não acha pesa inteira, tudo são retalhinhos de bayeta, feno, seda, e de várias cores.¹⁷¹

Ao criticar os desígnios da obra apontados por Verney, Arsenio sugere a criação de métodos para controlar os sistemas fluviais da cidade, construir métodos para concentrar as ruas, evitar roubos e mortes. Essa deveria ser a matéria mais útil e agradável para ambos os

¹⁶⁵ Ibid. , p.2.

¹⁶⁶ Para Dias os dois aspectos que animam o Padre Araújo são: o primado da especulação e o culto da autoridade.p.210.

¹⁶⁷ Idi.

¹⁶⁸ Idi.

¹⁶⁹ Ibid. , p.7.

¹⁷⁰ idi.

¹⁷¹ Ibid. , p.8.

seus tomos. O autor sugere, então, o seguinte título para tal obra, que seria de maior proveito para a sociedade portuguesa: "Verdadeiro método de trabalhar".¹⁷² Infelizmente, sabemos que, para a criação de tais métodos, se faria necessário um novo entendimento dos fenômenos da natureza.

Na sua Reflexão VIII, Da lógica Aristotélica, Piedade usa uma forma de argumentar bastante sentimental, e pouco racional, acusando Verney: "se soubesse onde estão seus ossos, era capaz de os mandar à queima". Aristóteles errou porque era filho de Adão - o primeiro pecador – e, por isso, está isento de seu engano (suas idéias sobre o peso do ar, por exemplo, pois pelo pecado ficamos sujeitos ao engano)".¹⁷³ As falhas, as dúvidas levantadas por Verney contra Aristóteles são "embaraços" causados pela falta de habilidade em discursar, saber fazer uso das chamadas "galanterias da Escola".¹⁷⁴ Para ele, a formação dos silogismos não contém erros, mas sim embaraços. Defende a Metafísica como o alicerce da boa doutrina, afirma que debaixo do ente metafísico se pode tratar toda a filosofia.¹⁷⁵

Conclui que os argumentos de Verney, "nem prova contra os estudos da Metafísica, nem impugna os princípios Aristotélicos".¹⁷⁶ Critica o elogio de Verney ao método experimental e reafirma que os instrumentos da mecânica não desfazem o Sistema Aristotélico, mas não explica realmente o porquê.

Da mesma forma, Piedade defende um contemporâneo seu, o padre Francisco Duarte, talvez o segundo maior adversário de Verney. Este critica a posição dos experimentalistas quando desprezam a causa dos efeitos, sendo estas de maior importância.¹⁷⁷ Nesse sentido, Duarte defende o que se costumava chamar de Física especulativa.

Para Piedade, o sistema de Descartes já estava morto havia séculos; e os Espanhóis, "que tem o juízo em seu lugar, proibirão o livro dele, e os mandarão sepultar na cova do desprezo". Para ele, melhor do que Descartes foi Platão, e o Sistema de Aristóteles era mais apropriado porque concordava mais com os dogmas da Religião.¹⁷⁸ "é a Teologia que mostra quais filósofos discorrerão bem, e quais os que se enganarão".

Piedade defende a fidalguia e nega que em quatro anos se possa aprender Filosofia,

¹⁷² Ibid. , p.9.

¹⁷³ Ibid. , p.27.

¹⁷⁴ Ibid. , p.27. Ver Dias, p. .217." E quanto uns olhavam para as palavras e pensamentos rebuscados, subtilezas, ou caprichosos, como o non plus ultra da inteligência polida, dirigia-se o outro para a expressão racional e espontânea, pedida pelo neo-classicismo. Equivale isso a dizer, relacionando a pedagogia com a filosofia, que a oposição entre eles existente era, afinal, de mentalidades e de visões de vida."

¹⁷⁵ Ibid. , p.29.

¹⁷⁶ Ibid. , p.31

¹⁷⁷ Crítica retirada de sua obra *Retrato*. DIAS, op.cit, p.213

¹⁷⁸ Ibid. , p.33

Ética, Cronologia, Geografia, Astrologia. Do seu ponto de vista, não há necessidade da experiência de viagens para outras partes do reino como requisito para se exercer cargos públicos, como defendia Verney: "é suficiente as notícias que vem de lá.... as notícias e a boa capacidade são suficientes para os ministros e conselheiros".¹⁷⁹

O padre Arsenio da Piedade reivindica a precedência da Teologia perante as demais filosofias, ela possuía privilégio pelo fato de se preocupar com questões essenciais ao homem douto, ao contrário das perguntas que a nova Ciência propunha, relacionada à dinâmica dos corpos, à física, à matemática.¹⁸⁰ Daí a idéia de Verney de que: "... na Teologia se não introduza a razão natural, salvo se for necessária para explicar os dogmas."¹⁸¹

Por outro lado, Arsenio defende que a ciência natural não deve ser tratada pela Teologia, pois: "... com que justiça são obrigados os Teólogos a trazerem sempre prezo o seu entendimento, para discorrerem em cousas que não são de fé? São melhores as especulações da bomba; pezo do ar, e a sua elasticidade?"¹⁸²

Este tipo de inclinação é associado à heresia, pois: "Aqui é, que se pode beber veneno".

Arsenio critica Verney também pela sua condescendência com os argumentos judios, que conseguem proteger a sua "perfídia", por isso peca por deslealdade com a fé. Também para com os comentários em relação às mulheres, onde propões a sua inserção aos estudos. Para Arsênio, a razão que para isso aponta não presta.¹⁸³ Na opinião do crítico, as mulheres devem primeiro governar suas casas, e se lhes sobrar tempo, podem estudar um pouco para se "governarem bem". Pois nada vale a opinião de uma mulher que não queira primeiro governar sua casa.¹⁸⁴

Para concluir, pronuncia: "Deus guarde a V. Caridade, e o livre de semelhantes idéias".

¹⁷⁹ Ibid. , p. 44 e 45. Esta crítica vai de encontro aos comentários de Verney para o perfil dos Conselheiros Ultramarinos.

¹⁸⁰ Ibid. , p.52.

¹⁸¹ Ibid. , p.52 Para Verney, a Teologia "é a ciência que nos mostra o que é Deus em si, explicando a sua natureza e propriedades, e o que é enquanto a nós, explicando tudo o que fez por nosso respeito e para nos conduzir a Bem-Aventura" Cf. Estudos Médicos, v.4, p.271.

¹⁸² Ibid. , p.52.

¹⁸³ Aqui a razão esta dirigida à questões de costume, neste caso, um consenso sobre a condição da mulher nesta sociedade.

¹⁸⁴ Ibid. , p.54.

3 ARQUÉTIPOS DA “MODERNIDADE” PORTUGUESA

3.1 PARADOXO ENTRE ROMA E PORTUGAL

3.1.1 A consciência italiana

O ambiente intelectual do Setecentos italiano estava em diálogo com as principais polêmicas da Europa. Apesar de ser o centro do poder da Igreja Católica, Roma era uma corte internacional, um viveiro de eruditos vindos de todas as partes da Europa. Comenta CASINI:

Os conteúdos e os momentos do ensinamento corrente na ordem dos Jesuítas aguardam ser reconstituídos em detalhe, para além do peculiar "estilo" de duplicidade e de reserva mental com o qual os cultos jesuítas tratavam os assuntos proibidos. Todavia, na espera de pesquisas precisas sobre este ponto, podemos indicar brevemente os momentos principais de uma atividade científica certamente modesta, comparativamente aos desenvolvimentos contemporâneos da Académie des Sciences ou da Royal Society, mas muito atenta às novidades vindas do outro lado dos Alpes.¹⁸⁵

No entanto, não deixa de ser curioso refletirmos que, aos pés do epicentro de poder da Igreja, havia uma quantidade de publicações de obras muito superior ao caso lusitano, provenientes inclusive de ambientes controlados pela Companhia. Houve grande publicação de manuais, tanto em latim como em italiano, alguns com caráter de divulgação científica.

Para Silva Dias, o Iluminismo italiano é caracterizado por uma estrutura e composição ideológica própria.¹⁸⁶ Segundo ele, os reinos italianos estavam no início da luta pela independência e pela unidade. De momento, a Espanha e a Cúria Romana eram os inimigos, reais ou supostos, desse duplo desígnio. A Escolástica, a Inquisição, a Companhia de Jesus e o velho feudalismo social se mantinham à sombra da dominação espanhola e curialista, luta que envolvia os interesses dos homens de Estado, dos intelectuais e da classe média. Assim nasceram os três preconceitos básicos do iluminismo italiano, a oposição ao poderio eclesiástico, à estrutura feudalista inquisitorial da sociedade e a administração pública.¹⁸⁷

O caso mais emblemático foi o do padre Boscovich, professor de matemática do Colégio Romano, pedagogo que, através de artifícios e retórica, procurou defender a síntese newtoniana, mesmo com as interdições da Igreja através do *Index librorum prohibitorum*.

¹⁸⁵ CASINI, Paolo. **Newton e a Consciência Européia**. São Paulo: UNESP, 1995, p.148.

¹⁸⁶ DIAS, José Sebastião da Silva. **Portugal e a Cultura Européia**. Coimbra: Editora Coimbra, 1952. p.192.

¹⁸⁷ Idi.

Menos por ter produzido um pensamento original com seus textos filosóficos, o importante é enfatizar que havia um intenso debate acerca das polêmicas européias dentro dos círculos de poder da Igreja.¹⁸⁸ Sua obra teve repercussão em várias cidades italianas, como Pádua, Bolonha, Pizza, Nápoles e Florença.

Investigando o percurso do pensamento newtoniano nos principais centros da Europa continental, percebe-se que a síntese newtoniana seria assimilada através de um intenso debate e de forma não uniforme, com uma gama de matizes não redutíveis a fórmulas comuns. Na percepção dessas idéias, observa-se um traço comum entre os debatedores, um certo cosmopolitismo, como no caso de Voltaire, o principal divulgador de Newton.¹⁸⁹ Questiona-se se as idéias de Newton foram um paradigma para o Iluminismo.

Casini ressalta a consciência individual, pois a persuasão do verdadeiro e do falso configura-se em termos pessoais. O newtonianismo foi até mesmo uma moda para a época. Sobre esse aspecto, é inútil levar a sério "a grande multidão da Italia" - como escreveu Genovesi - "que quer parecer newtoniana, embora não o seja".¹⁹⁰

Para haver a assimilação das idéias de Newton, era necessário destruir algumas hipóteses cartesianas. Grosso modo, poderíamos dizer que era necessário uma evolução epistemológica em uma determinada direção do conhecimento, particularmente referente a determinadas noções do mundo físico.¹⁹¹ Hoje entendemos naturalmente o fato da gravitação universal, ninguém mais se questiona a respeito das razões pelas quais os objetos caem atraídos pelo centro da terra. Aquele que acredita em forças ocultas e não nas leis de atração entre grandes massas é, no mínimo, alguém que está afastado do nível de consciência normal das sociedades ocidentais.

Mesmo assim, devemos respeitar as "razões" pelas quais alguns homens não compartilham dos sistemas ocidentais, seja por crenças particulares, seja por pertencerem à culturas diferentes. Na Portugal do século XVIII, o newtonianismo só teria influência indireta. De certo modo, Portugal ficou à margem das Revoluções Científicas.

Houve um grande conflito entre o sistema cartesiano e o sistema newtoniano na Europa, até mesmo com repercussões na literatura. Diderot, por exemplo, publicou em 1748, em anonimato, um romance chamado *Bijoux indiscrets*, que criticava os adeptos da hipótese cartesiana dos turbilhões em favor da síntese newtoniana. Havia certa rivalidade entre a

¹⁸⁸ Ibid. , p.149.

¹⁸⁹ Ibid. , p.84-103.

¹⁹⁰ op.cit., p.220. Citação tirada da carta de Antonio Genovesi a Antonio Conti de 1746.

¹⁹¹ Newton se afirmou cartesiano no início. Durante dois anos (1664-1666) a sua bíblia foi o comentário de Franz von Shooten sobre a Géometrie de Descartes, mais tarde assumiria uma postura crítica. Ibid. , p.16.

Académie de Sciences francesa e a Royal Society inglesa. A teoria cartesiana dos turbilhões partia da hipótese de que a terra era um elipsóide alongado na direção dos pólos. Nesse sentido, era um "paradigma" dominante no interior de uma corporação de físicos e de astrônomos que se identificavam com a *Académie de Sciences de Paris*. Assim disse Voltaire: "Em Paris imaginam a terra como um melão; em Londres achatada nos dois pólos".¹⁹²

Na hipótese dos turbilhões, a terra era alongada nos pólos, semelhante a um melão. Essa questão só seria resolvida quando Maupertius mediu as distâncias entre a terra, no golfo da Batria, e Kitris. O meridiano ali medido era 500 faesas comparado ao meridiano compreendido entre Paris e Amiens, o que provava que a terra era realmente achatada nos pólos. A questão do achatamento nos pólos revelava uma aceitação prévia do princípio de atração universal. Naquela situação, dentro da academia cartesiana, a medição de um meridiano próximo a um dos pólos poderia ser o *experimentum crucis* da física da atração.

Antes do sistema newtoniano, havia a idéia de um mundo estático na visão aristotélica e ptolomaica. Sua superação era essencial para uma nova visão de mundo, através disso era possível explicar, por exemplo, a *Hipóthesis terrae motae* (hipótese do movimento da terra) e o fenômeno das marés. Os trabalhos de Newton referentes à natureza da luz explicavam outra série de fenômenos, como o arco-íris e a aurora boreal.

Casini procurou também demonstrar, como as idéias de Newton teriam resistência entre os pensadores franceses, partindo da premissa de que o cartesianismo era um obstáculo.¹⁹³ Se considerarmos esta premissa, como fica então Portugal, onde, segundo indícios nem mesmo o cartesianismo teve penetração?¹⁹⁴

O caso italiano é bastante específico, uma vez que dali surgiram Galileu e da Vinci, que conseguiram escapar à cultura essencialmente retórica e humanista, e por isso puderam produzir o que se conhece como a primeira revolução científica - com Galileu.¹⁹⁵ Considerando então que a síntese newtoniana tenha representado não apenas para os cientistas da época - palavra que seria anacrônica para denominar os homens pertencentes ao universo que hoje denominamos científico - mas para os homens cultos do século XVIII europeu, uma experiência intelectual decisiva, em Portugal, só foi ter influência de forma indireta através de autores como Verney.

¹⁹² CASINI, op.cit, p.62

¹⁹³ Fala-se de uma escolástica cartesiana. Ibid. , p.179.

¹⁹⁴ Sobre as circunstâncias difíceis da divulgação e implantação do cartesianismo e transição deste para o newtonianismo. Cf. DIAS , op.cit., p.199.

¹⁹⁵ GARIN, Eugênio. **Ciência e vida civil no Renascimento Italiano**. São Paulo: Unesp, 1986.

3.2 PORTUGAL E A CULTURA EUROPÉIA

3.2.1 A Lenda Negra

No que se refere ao contexto europeu setecentista, a historiografia portuguesa sustentou por muito tempo a idéia de que Portugal viveu um grande período de ignorância e de obscurantismo, perspectiva que se consolida com os críticos do regime Salazarista, em torno da revista *Seara Nova*. Até a metade do século XX, a “Lenda Negra” foi uma forma predominante de tratar a cultura portuguesa do Antigo Regime.¹⁹⁶

Talvez o precursor desta linhagem de críticos seja o Padre jesuíta Antônio Vieira. A despeito de seu anticartesianismo, criticou a Santa Inquisição portuguesa, o preconceito contra os judeus e o aspecto arcaico da cultura letrada portuguesa.¹⁹⁷ Em fevereiro de 1671, escrevia de Roma D. Rodrigo de Menezes:

Há mais de trinta anos que venho visto toda a Europa, e são tão cegos os meus olhos que vêem mais os que só viram o mundo no mapa, e o mar do Tejo. Não tenho paciência para ler as gazetas do mundo, e ver falar nelas de todos os príncipes e reinos, e só do nosso um perpétuo silêncio.¹⁹⁸

Essas críticas à cultura portuguesa se intensificam no século XVIII. Os portugueses que viajavam pela Europa comentam suas experiências e comparam outros Reinos com Portugal. Como Pedro Norberto d'Aucourt e Padilha, que publicou suas “Memórias históricas, geográficas e políticas observadas de Paris a Lisboa”, em 1746. Exaltava o estilo de vida na França, onde o tratamento era igual para todos, quando “se reputam iguais no que pagam com seu dinheiro”.¹⁹⁹ Outro viajante, Francisco Xavier de Oliveira, em suas “Memórias de Viagens” sobre suas andanças pela Holanda, comenta que em Amsterdã todas as religiões são toleradas e “até os que vivem sem lei alguma são permitidos”.²⁰⁰

As cartas de D. João de Almeida Portugal, escritas entre 1744 e 1751 e dirigidas a seu pai, D. Pedro Miguel de Almeida, marquês de Castelo Novo, mais tarde marquês de Alorna,

¹⁹⁶ RAMOS, Rui. Nas origens da “Lenda Negra” : as viagens filosóficas do século XVIII português. **Penélope. Fazer e desfazer a História**, n.4, Nov., 1989.

¹⁹⁷ Crf. SILVA DIAS. Op.cit, p.100.

¹⁹⁸ Apud. DIAS. ibibid

¹⁹⁹ Apud. RAMOS, op.cit., p.63

²⁰⁰ Idi..

são bem típicas do pensamento da “Lenda Negra”.²⁰¹ Percebemos um estado de tédio e desilusão do jovem aristocrata, que acabara de regressar de uma temporada em Paris. Escrevendo a seu pai, então vice-rei, na Índia: “Aqui tudo se ignora e ninguém se interessa mais do que, naquelas coisas que lhe pertencem. Não há divertimentos nem sociedade e por essa razão, junto com algum mau gênio da Nação, tudo é inveja, desunião e enfim tenho Portugal por um país onde a gente é absolutamente intratável”.²⁰²

Um dos raros momentos de entusiasmo desse jovem em relação à vida portuguesa é motivado pela publicação do Verdadeiro Método de Estudar, de Luis Antonio Verney. Em uma de suas cartas, D. João dá conta do debate que tal obra estava a gerar entre alguns acadêmicos lisboetas.²⁰³

Verney, considerado o grande crítico da cultura portuguesa, exalta o cosmopolitismo intelectual dos franceses, ingleses, holandeses e italianos, atribuindo o atraso cultural português a um excesso de orgulho dos ibéricos. No seu Verdadeiro Método, dedica um item inteiro sobre esta questão: “[d] ao preconceito da inferioridade cultural do estrangeiro”: “Sei que a maior parte dos homens vive mui satisfeita dos estilos e singularidades do seu país; mas não sei se há quem requinte este prejuízo com tanto excesso como Espanhóis e Portugueses”.²⁰⁴

De forma geral, a historiografia, quando procurava explicar os motivos do atraso da cultura portuguesa, atribuía aos jesuítas e à Inquisição.²⁰⁵ Essa percepção parece predominar até fins do século XIX, quando Oliveira Martins ainda denuncia a cultura de “uma sociedade envenenada pela educação jesuítica” na sua História de Portugal, cuja primeira edição é de 1879:²⁰⁶ “A dupla destruição da Sociedade de Jesus e da Inquisição, porque ambas, já caducas, serviram apenas para protrair, de um modo corruptor, um estado já anacrônico”.²⁰⁷

Essa visão historiográfica sofreria mudanças ao longo do século XX, percebendo o Antigo Regime português como um período de conflito entre o obscurantismo lusitano e as Luzes estrangeiradas.²⁰⁸ Esta perspectiva seria consolidada por José Sebastião da Silva Dias na sua monumental obra *Portugal e a cultura européia* (1952), estudo bastante amplo sobre os

²⁰¹ (CARDIM, Pedro. *Análise Social*, v.36, n.158-159, 2001.) Neste artigo Pedro Cardim comenta sobre seleção de cartas feitas por Nuno Gonçalo F. Monteiro (seleção, introdução e notas), **Meu Pai e meu Senhor muito do meu coração. Correspondência do Conde de Assumar para seu pai, o Marquês de Alorna**, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais? Quetzal, 2000,193p.

²⁰² Ibid. , p.4.

²⁰³ Idi.

²⁰⁴ V.M. **Estudos Filosóficos**. V.3, p.16.

²⁰⁵ RAMOS, Rui. op.cit. , p.61.

²⁰⁶ MARTINS, Oliveira. **História de Portugal**. 17. Ed. Lisboa: Guimaraes, 1977. p.493.

²⁰⁷ op.cit. , p.478.

²⁰⁸ RAMOS, op.cit. , p.61.

contatos da inteligência portuguesa com a inteligência européia, desde a Renascença às Reformas Pombalinas. Essa obra continua sendo a grande referência historiográfica sobre o assunto. Deduz-se que Portugal não ficou afastado da cultura européia, como poderia parecer a princípio. O que caracterizaria a negação das Luzes, ou seja, o obscurantismo por via de um isolamento. Demonstra Dias, é que houve um contado, através de um processo dialético:

A primeira metade do século XVIII foi teatro de uma luta intensa entre o elemento cosmopolita e o elemento sedentário da nação. Ao mesmo tempo que a diplomacia facultava a muitos portugueses a descoberta de idéias, dos costumes e da política em vigor na Europa de além Pirineus; aportavam ao Tejo alguns forasteiros que traziam consigo os rudimentos do saber universal.²⁰⁹

No contato da cultura portuguesa com a cultura européia, o primeiro elemento que se destaca é a noção de "estrangeirado", palavra específica da cultura política portuguesa do Setecentos.²¹⁰ De certa forma, Dias diverge da "lenda negra". Embora a renovação cultural se tenha devido quase exclusivamente à influência dos estrangeiros e estrangeirados, não se pode afirmar que a cultura portuguesa tenha permanecido totalmente fiel aos preceitos da escolástica, sem nenhum progresso doutrinal ou científico.

SILVA DIAS definiu o *Verdadeiro Método de Estudar*, do oratoriano Luis Antônio Verney, como o ápice da polêmica entre o novo e o velho em Portugal.²¹¹ A problemática entre o velho e o novo é trabalhada por Dias com ênfase na Filosofia. A escolástica, como base do pensamento dos jesuítas, teria impedido em grande medida o desdobramento da filosofia moderna em Portugal. Como pano de fundo, perpassa um conflito institucional entre jesuítas e oratorianos. Esses dois eixos se desdobram com a publicação da obra de Verney, em 1746, e com a expulsão dos jesuítas em 1759, dois que eventos marcam uma ruptura no ambiente intelectual português do Setecentos. Silva Dias conclui (aquilo que mais tarde seria quase um consenso na historiografia): o processo iluminista em Portugal deve-se quase que exclusivamente à influência do elemento estrangeiro, e sua filosofia é caracterizada por uma tentativa de conciliar o velho com o novo - o que caracteriza o ecletismo. “Os ecléticos

²⁰⁹ DIAS, José Sebastião da Silva. **Portugal e a Cultura Européia**. Coimbra Editora: Coimbra, 1952. p.118.

²¹⁰ Não confundir com a palavra “leyenda negra”, que possui conotações próprias com a cultura política espanhola.

²¹¹ A novidade do *Verdadeiro Método* consistiu, portanto, em mostrar aos portugueses o contraste entre o barroco e o Iluminismo, e em salientar a mais-valia do segundo relativamente ao primeiro. p.255

inseriram-se entre os dois pólos, procurando uma integração do conhecimento humano que reconciliasse o progresso científico com a dogmática católica”.²¹²

O mais importante a destacar sobre o trabalho de Dias, é, por um lado, o redirecionamento dado a tradição crítica da “lenda negra,” e, por outro, o peso atribuído ao marquês de Pombal como renovador da cultura portuguesa.²¹³ O período pombalino (1750-1777) tem sido intimamente associado ao tema do Iluminismo. A relação desses dois temas é quase um paradigma na historiografia. Estudos sobre o Marquês de Pombal superam aqueles que tratam diretamente do assunto aqui discutido, e é muito recorrente entre brasilianistas e historiadores brasileiros.²¹⁴ Tais análises têm privilegiado o papel do Estado como agente de transformação cultural, focalizando a figura do marquês como catalizadora deste processo.²¹⁵ Na mesma medida em que algumas de suas reformas possuem um caráter modernizador, como a “Reforma da Universidade” de Coimbra e a expulsão dos jesuítas, outras, como o fechamento de jornais e o retardamento da abertura da Academia de Ciências de Lisboa, representam o seu lado obscuro. Esse e outros fatores, como o tratamento dado por Pombal aos pensadores como Verney, pesam no momento de identificar a “Era Pombalina” como o período mais iluminista vivido por Portugal no século XVIII. Daí a idéia de um paradoxo.

Domingues, referindo-se a trabalhos de historiadores dos fins do século XIX e início do XX, relativiza a explicação do atraso de Portugal pela via dos jesuítas e da Inquisição. Ele explica que os jesuítas foram conservadores por fatores epistemológicos, ou seja, pelo seu apego à escolástica, e não por um interesse da manutenção de um modelo assumidamente reducionista e isolacionista.²¹⁶ Focalizando a obra do padre oratoriano Teodoro de Almeida, mostra como o programa metodológico dos jesuítas era passível de desvios: “Já o jesuíta Inácio Monteiro acusava Almeida de plágio. Num Compêndio dos elementos de matemática, defendia o uso do vernáculo, a física moderna, chegando a defender o sistema heliocêntrico em

²¹² DIAS, Silva da.J.S. O Ecletismo em Portugal no século XVIII: Gênese e destino de uma atitude Filosófica. **Separata da Revista Portuguesa de Pedagogia** Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, v.4, p.21, 1972.

²¹³ op.cit., p.259

²¹⁴ No que se refere à História das Idéias no Brasil, apontamos sobre os estudos de Antonio Paim, que procuram analisar a herança pombalina na Cultura Brasileira. Cf. PAIM, Antonio (org). **Pombal e a cultura brasileira**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1982.

²¹⁵ Silva Dias, Falcon e Maxwell relativizam a responsabilidade de Pombal às profundas mudanças ocorridas neste período. Sugerem que as preocupações de Pombal refletiam as de uma geração de funcionários e diplomatas portugueses anteriores ao reino josefino. Cf. FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada**. São Paulo: Ática, 1982. Ver também. Revista de História das Idéias. FALCON, Francisco Calazans; MAXWELL, Kenneth. **O Marquês de Pombal: paradoxo do iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 118, p. 10, 1996.

²¹⁶ Um dos grandes obstáculos epistemológicos diz respeito à questão do desvio ao dogma da transubstanciação. p. 32-33.

termos que nem Almeida utilizou. Foi considerado o jesuíta mais lúcido e ilustrado do século XVIII e por isso sofreu várias dificuldades no interior da ordem.²¹⁷

Constata-se que a “modernidade” também penetrava nos círculos jesuíticos, como comprova a obra do inaciano.²¹⁸ Acima de tudo, Domingues procura relativizar como a historiografia aponta, que enquanto a Europa vivia uma revolução filosófica, foi-se sedimentando a idéia de que em Portugal:

Obstáculos políticos e religiosos faziam que no país uns insistissem na recusa do heliocentrismo, enquanto outros se empenhavam e perdiam em longos, intermináveis comentários a Aristóteles, na defesa intransigente da Escolástica: os ares nacionais continuavam fechados a qualquer sopro de renovação. Atrás deste panorama de imobilismo e estagnação divisava-se a sombra do jesuíta arreigado à dimensão de um saber ultrapassado, que ia lançando o véu do obscurantismo sobre um florescimento outrora possível, enquanto a Inquisição, vigilante atenta das heterodoxias, o ajudava a confinar a estreitos limites.²¹⁹

3.2.2 A Herança Negra

A própria historiografia brasileira herdou o século XVIII português, como objeto de estudo, e muitas vezes alimentou esta lenda negra, ao propor uma corrente de idéias que poderia ser caracterizada como uma “herança negra”. Ou seja, a leitura que alguns intelectuais brasileiros fizeram do século XVIII português, orientou interpretações do processo histórico brasileiro. Muito identificados com o pensamento de Weber, Sérgio Buarque de Holanda e Raimundo Faoro procuraram traçar o perfil da sociedade portuguesa. Faoro, com seu conceito de “estamento burocrático”,²²⁰ aponta o afastamento de Portugal em relação ao progresso científico:

²¹⁷ DOMINGUES, Francisco Contento. **Ilustração e Catolicismo** : Teodoro de Almeida. Lisboa : Colibri, 1994. p.83.

²¹⁸ Dias também focaliza este jesuíta moderno. Cf. Portugal e a Cultura europeia. p.250. O capítulo cinco da História do pensamento filosófico português, dirigida por Pedro Calafate, traz todo o percurso intelectual deste moderno jesuíta. Cf. SILVA, Lúcio Craveiro da. Um jesuíta no contexto das Luzes: Inácio Monteiro (1724-1812).in: CALAFATE, Pedro. **História do Pensamento filosófico português**: As Luzes. Lisboa: Editorial Caminho, 2001. v. 3, p.177-194.

²¹⁹ op.cit. p.33

²²⁰ Estamento é um conceito utilizado pelo autor para caracterizar a sociedade portuguesa. O Estamento é uma forma específica de organização político-administrativa, uma corporação de poder que se estrutura em uma comunidade. Ele engloba um grupo de pessoas que gerenciam o Estado e que compartilham dos mesmos privilégios, a mesma educação, os mesmos valores. Enquanto uma classe se forma com a agregação de interesses econômicos, determinados pelo mercado. O Estamento é de outra natureza – primariamente uma camada social e não econômica. O Estamento se coloca na desigualdade social, nasce nas sociedades onde o mercado não domina toda a economia. Com isso, as convenções, os estilos de vida incidem sobre o mercado, impedindo-o de expandir sua plena virtualidade de negar distinções pessoais. Os Estamentos são órgãos do Estado, as classes categorias sociais. p.45-47

A utilização técnica do conhecimento científico, uma das bases do capitalismo industrial, sempre foi, em Portugal e no Brasil, fruta importada. Não brotou a ciência das necessidades práticas do país, ocupados os seus sábios, no tempo de Descartes, Copérnico e Galileu, com o silogismo aristotélico, desdenhoso da ciência natural. Verney, já no século XVIII, em nome de uma plêiade de sábios educados no estrangeiro, clama contra o atraso do ensino nacional, acadêmico, aéreo, falso. Portugal, cheio de conquistas e glórias, será, no campo do pensamento, o “reino cadaveroso”, o “reino da estupidez”: dedicado à navegação, em nada contribuiu para a ciência náutica; voltado para as minas, não se conhece nenhuma contribuição na lavra e na usinagem dos metais.²²¹

De forma análoga, porém com sinal invertido, Sérgio Buarque define uma sociedade patrimonial portuguesa, onde o Estado é uma extensão da família. O homem ibérico, que teve papel fundamental na colonização do novo mundo, é do tipo “aventureiro”.²²² Por outro lado, esta característica teria impedido a configuração própria de um Estado moderno nos moldes europeus. O Estado moderno só seria possível pela transgressão da ordem doméstica e familiar, havendo um triunfo do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo. É necessária a abolição da velha ordem familiar por outra em que as instituições e as relações sociais, fundadas em princípios abstratos, tendem a substituir os laços de afeto. No estado patrimonial português, a escolha dos funcionários se faz mediante confiança e não capacidade.²²³ Ao mesmo tempo, destaca-se o importante papel dos ibéricos na colonização do novo mundo, principalmente dos portugueses. Exalta a sua capacidade em adaptar-se aos trópicos e reproduzir o que seria mais tarde uma sociedade singular.

Outro intelectual que colaborou para a visão crítica da cultura portuguesa por nós herdada foi Teixeira Soares.²²⁴ Pertencendo ao grupo de historiadores e intelectuais do Itamaraty, como o Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Euclides da Cunha, questionou severamente as razões do atraso português:

²²¹ Neste trecho Faoro se apóia em Antonio Sérgio, uma das fortes influências da Lenda Negra em Portugal. p.63.

²²² Para Sérgio Buarque existem dois princípios que regulam as atividades dos homens. Estes dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. O tipo “aventureiro” ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar estes obstáculos em trampolim. Vive dos espaços limitados, dos projetos vastos., dos horizontes distantes. O “trabalhador”, típico europeu do norte, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar, é pragmático. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.13

²²³ Ibid. , 103.

²²⁴ Teixeira Soares participou da “Campanha de Arte Moderna”, dirigida por Graça Aranha. Ingressou no Itamaraty em 1929, onde iniciou uma extensa carreira diplomática, destacando-se como embaixador em La Paz, Atenas e Bogotá. Publicou uma série de obras de cunho diplomático, como a *Diplomacia no Rio da Prata* (1955). Além disso publicou obras de crítica literária e ensaios de cunho sociológico.

Por que motivo a distância entre Portugal, que fora senhor do mundo, e a Europa que vibrava ao calor de idéias novas? Por que motivo o alheamento do reino às formas mais vivas do pensamento europeu? Por que motivo o desinteresse dos portugueses pelas planificações políticas que se faziam no resto do continente, em particular após a Paz de Vestefália(1648)? Por que motivo o distanciamento de Portugal em relação a uma cultura que dera Descartes, Spinoza, Newton, Leibniz, Grotius? Portugal era na verdade um Reino de Sombras e Superstições.²²⁵

Em obra recente, José Murilo de Carvalho focaliza a sociedade portuguesa setecentista, buscando responder ao enigma da unidade territorial e política do Brasil Imperial.²²⁶ Aponta para uma homogeneidade ideológica e de treinamento, que teria garantido a manutenção desta unidade. Esta suposta homogeneidade ideológica teria uma componente ancorada nos brasileiros que, com a inexistência de uma Universidade na colônia, viajavam a Portugal para estudar na Universidade de Coimbra. A formação cultural adquirida no reino português, que valorizava mais a retórica do que a razão, contribuiria para a manutenção da unidade territorial do Império brasileiro, ao passo que as colônias espanholas se fragmentaram, originando diversas Repúblicas. Nesse sentido, o Iluminismo português foi politicamente conservador, protagonizado por homens que trabalhavam para o governo. Tendo à frente Luís Antônio Verney, o Iluminismo português era mais próximo do italiano, essencialmente reformista e pedagógico.²²⁷ Enfatiza-se, como o governo português teve êxito na formação de uma comunidade letrada específica, ao centralizar a formação de seus funcionários em um pequeno número de estabelecimentos de ensino, particularmente a Universidade de Coimbra.²²⁸

Outro aspecto interessante é sugerido em recente artigo, em que Carvalho aponta para o estilo retórico nas práticas políticas do Brasil Imperial, herdado da cultura portuguesa.²²⁹ Apesar dos esforços de “intelectuais” como Verney, a retórica teria prevalecido nas formas do debate político.²³⁰ Ao contrário da argumentação puramente racional, a retórica necessita recorrer à autoridade de outros para sustentar seus argumentos.²³¹ Essa característica teria marcado também um atraso científico da “intelectualidade brasileira”, “produzindo engenheiros, médicos, militares, que sabiam filosofar sobre ciência e o mundo, sem saber

²²⁵ SOARES, Álvaro Teixeira. **O Marquês de Pombal**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983. p.8

²²⁶ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da Ordem**.

²²⁷ CARVALHO, José Murilo de. **Teatro de Sombras**: a política imperial. Rio de Janeiro : Ed. da UFRJ, [19--?]

²²⁸ Ibid. , p55-57.

²²⁹ CARVALHO, José Murilo de. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topo**. Rio de Janeiro, n.1, p. 143, 2000.

²³⁰ Ibid. , p.142 .

²³¹ Ibid. , p.135 -137.

fazer ciência”.²³² Quando se questiona da forma violenta da linguagem jornalística dos jornais brasileiros, infere “que as práticas da esfera privada se transferiram diretamente para a política sem intermediação do aprendizado do debate público não político”.²³³

Essa História da Idéia de uma “Lenda Negra” reflete, em grande medida, um olhar sobre a situação de Portugal nesse projeto amplo do Iluminismo, que definiria, talvez, as bases de um tipo de sociedade idealizada. E, por outro lado, também reflete como nossa leitura do passado ainda é fortemente marcada por essa perspectiva.

²³² Ibid. , p.145.

²³³ Ibid. , 140.

CONCLUSÃO

O Iluminismo pode ser compreendido por um debate que mobilizou novas idéias e novos conceitos que vieram à tona sob a forma de obras e livros. Alguns participantes desse processo se tornaram referência dentro da História das Idéias, como Newton, Locke, Voltaire, Rousseau, entre outros. O contato com esses autores, a compreensão dos temas discutidos e as opiniões construídas a partir disso, nos faz identificar Verney como um iluminista, movimento de idéias que deve ser compreendido sobretudo pela sua natureza crítica.

No início, conjecturou-se que a existência histórica desse ilustre português seria suficiente para caracterizar um movimento iluminista em Portugal. Porém, para haver Iluminismo, deve haver crítica, da forma como entendemos, crítica como leitura. Para tanto, deve haver uma “esfera pública literária”, que é o elemento de ligação do texto com a sociedade. Acreditamos que a natureza crítica do Iluminismo está diretamente relacionada com a matriz social que lhe possibilitou o surgimento. No plano social, foram necessários determinados elementos que garantissem o afloramento de uma “esfera pública literária”, como espaços de sociabilidade (cafés, salões, academias), e a impressão de livros. No entanto, sabemos que estes elementos sempre sofreram certo controle por parte do Estado. Mesmo assim, essa influência não foi determinante em todas as regiões da Europa, onde práticas e idéias convergiram em um debate crítico, onde os limites eram estabelecidos pelo critério da Razão, e não da autoridade.

Embora não exista um tipo puro desse fenômeno, procurou-se auferir o grau de aproximação do fenômeno histórico do Iluminismo, ocorrido em outras regiões da Europa, para o caso de Portugal. Na análise deste problema, não foi possível estabelecer uma univocidade ou uma adequação de sentido, conforme propõe Weber:

Como em qualquer ciência generalizadora, é condição da peculiaridade das suas abstrações que os conceitos sejam relativamente vazios, frente à realidade concreta do histórico. O que ela pode oferecer, como contrapartida, é a maior univocidade dos seus conceitos. Esta univocidade alcança-se em virtude da possibilidade de uma ótima adequação de sentido, tal como é percebido pela concepção sociológica²³⁴

²³⁴ WEBER, Max. **Fundamentos da sociologia**. Porto : Rés. V.14, p.36-38.

A sociedade portuguesa no final do século XVIII caminhava para um colapso. Napoleão, ao invadir a península Ibérica em 1807, trouxe consigo o Liberalismo, o filho primogênito do Iluminismo, e deflagrou um golpe mortal ao Antigo Regime em Portugal. Preposto da Inglaterra no continente, Portugal teve de transferir sua corte para o Brasil, terminando seu longo século XVIII. A partir daí, pode-se sugerir que se iniciou uma esfera pública literária. Fomentou-se a demanda de um mercado de notícias, a ampliação da periodicidade e da quantidade de impressão. A transferência da corte para o Brasil tornava mais fácil uma discussão pública sobre política, sem a presença providencial do trono banalizaram-se as questões da coisa pública, das medidas econômicas, o fomento, a defesa dos interesses nacionais.²³⁵

Com a invasão francesa, alguns intelectuais modernos portugueses sofreram uma crise de idéias, qualquer filiação com Rosseau, neste momento, poderia ser considerada uma traição (uma vez que Portugal estava sob o domínio dos exércitos de Napoleão).²³⁶ A invasão francesa iria determinar a atividade de intelectuais como Agostinho de Macedo.²³⁷ Este leitor da produção filosófica iluminista, foi talvez o melhor exemplo do anti-iluminista, ou do iluminista paradoxal. Agostinho de Macedo se identificava com muitos autores iluministas franceses, porém sofria as consequências da tentativa de tornar a Revolução Francesa universal; que era o pretexto utilizado por Napoleão para invadir os reinos que ainda viviam o Antigo Regime. Assim, portugueses e espanhóis, que se identificavam com os ideais da Revolução, viviam uma crise moral, no momento das invasões napoleônicas.

Ao longo do século XVIII, Pombal fez esforços para prolongar a manutenção do Império diante de uma Europa conturbada pela polarização do conflito entre França e Inglaterra. O Brasil, peça chave desse processo, vez que sua principal fonte de riquezas, ficava fragilizado com os interesse da Inglaterra e da Espanha na América Latina. Há que considerar a estrutura da economia portuguesa ao longo do século XVIII. Esta deve ser entendida na sua dimensão imperial.²³⁸ Portugal se especializou no fornecimento de determinados gêneros ao mercado europeu. O modelo econômico que possibilitou a integração de Portugal à Europa – uma economia de base colonial – predominaria até o final

²³⁵Cf. LISBOA, João Luís. **Ciência e Política: Ler nos finais do Antigo Regime**. Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991, p.164.

²³⁶ Sobre este aspecto, particularmente para o caso espanhol. Cf. ARTOLA, Miguel. **Los afrancesados**. Madrid : Alianza, 1989.

²³⁷ ANDRADE, Maria Ivone de Ornelas. **José Agostinho de Macedo: um iluminista paradoxal**. Lisboa : Colibri, 2001. v.1.

²³⁸ BOXER, C.R. **A Idade de Ouro no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1963.

do Antigo Regime.²³⁹ O ouro brasileiro teve grande influência na dinâmica econômica de Portugal, principalmente na primeira metade do século XVIII.²⁴⁰

O Estado era o grande empresário e desempenhava o papel decisivo no controle da economia, particularmente no período pombalino (1750-1777). Cerca de 1/3 da renda nacional pertencia ao clero, que teve força para manter uma ideologia ultrapassada.²⁴¹ Assim, em Portugal existiu uma “burguesia mercantil débil”, pouco numerosa, estreitamente ligada ao Estado.²⁴² Analisada pela ótica marxista, tal estrutura não teria desenvolvido uma ideologia burguesa, qual seja, o Iluminismo. No entanto, como informa FALCON: “A Ilustração não pode ser redutível como reflexo de uma ideologia burguesa”.²⁴³ FALCON propõe a opção reformista: ocorreu onde a burguesia não possuía uma presença econômica e numérica capaz de fazer prevalecer, autônoma e totalmente, aqueles valores e objetivos que informaram a crítica ilustrada.²⁴⁴

Como ocorre muitas vezes na historiografia sobre o tema, procura-se captar o sentido e a dimensão do aproveitamento pelo pombalismo, dos recursos intelectuais portugueses.²⁴⁵ Aqui, procuramos captar sobretudo o sentido da obra de Verney perante as mudanças de pensamento engendradas pelo Iluminismo.

SERRÃO descreve o panorama intelectual luso dos Setecentos – particularmente o período pombalino, caracterizado por uma flagrante pobreza, quer no tocante à quantidade de valores individuais, quer quanto à qualidade das suas produções.²⁴⁶ Analisando o pensamento econômico do português Antônio Nunes Ribeiro SANCHES,²⁴⁷ compara-o ao caso de Verney. Serrão procura demonstrar que, apesar de esse médico ilustrado possuir uma biblioteca pessoal

²³⁹ SERRÃO, José Vicente. O quadro Econômico. In: MATTOSO, José (dir) **História de Portugal**. – Antigo Regime (1620-1807). Rio de Janeiro :Editorial Estampa, 1998. v.4, p. 67. Ver também: BOXER, C.R. **A Idade de Ouro no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1963.

²⁴⁰ 80 a 90% do mercado ultramarino era feito com o Brasil. Ibid. , p. 95. O ciclo do ouro atraiu em torno de meio milhão de portugueses em 1700 e 1760 para o Brasil. O que corresponde a uma sangria anual de 8 a 10 mil indivíduos. Representavam, por ano, mais do que a população somada da terceira e da Quarta cidades do País. Op.cit. SERRÃO, José Vicente. **O quadro Humano**. p.61.

²⁴¹ Ibid. , p.181.

²⁴² FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina**: política econômica e monarquia ilustrada. São Paulo : Ática, 1982, p.172.

²⁴³ Ibid. , p.95. Por outro caminho, Adorno e Horkheimer contrapuseram o conceito de esclarecimento (Aufklärung) ao Iluminismo. Esclarecimento é o processo dialético que possibilitou a libertação do homem em relação às potências míticas da natureza, o processo de desencantamento do mundo”. Cf. MATOS, Olgária C. **F.A escola de Frankfurt**: luzes e sombras do Iluminismo”. São Paulo : Moderna, 1993. p. 7 e 8.

²⁴⁴ Ibid. , p.115.

²⁴⁵ SERRÃO, José Vicente. Pensamento Econômico e Política Econômica no período pombalino : o caso de Ribeiro Sanches. **Ler História**, n. 9, 1986.

²⁴⁶ Idi.

²⁴⁷ O caso de Ribeiro Sanches é muito semelhante ao de Verney, abandonou Portugal em 1726, com 27 anos de idade.

invejável para a época (Morus, Hobbes, Locke, Puffendorf, d'Álembert, Montesquieu, Rousseau), não desenvolveu uma teoria econômica, assim como Verney não desenvolveu uma filosofia própria.²⁴⁸ Sem refletir sobre a economia de forma ordenada, o diagnóstico que Ribeiro Sanches fazia de Portugal era o de um país economicamente atrasado, com uma agricultura decadente e muitas terras incultas, sem comércio interior, sem manufaturas, com uma economia fracamente monetarizada.²⁴⁹

Contudo, Pombal conseguiu aplicar as reformas que possibilitaram a sobrevivência do Império.²⁵⁰ Essas Reformas garantiram, em certa medida, a manutenção da unidade territorial de sua principal colônia.²⁵¹ A historiografia tem exaltado o pombalismo e as reformas da Universidade de Coimbra de 1772, como uma ruptura no processo de modernização da elite letrada portuguesa.²⁵² Mas Pombal, assim como Luís António Verney, foram indivíduos que viveram grande parte da vida em cortes estrangeiras. Beberam das principais idéias dos iluministas, e sua missão histórica foi adequar a cultura do Império à dinâmica das sociedades européias.

Em 1759, no mesmo ano em que foi fechada a Universidade de Évora, os jesuítas foram expulsos. Havia uma questão cultural envolvida, mas também uma questão política. Em Portugal, os jesuítas foram por muito tempo um dos alicerces do Império. Com a política regalista²⁵³ de Pombal, as instituições da Igreja seriam adotadas pelo Estado, porém sem perder sua aura divina. A partir daí, a Inquisição se tornou um órgão subordinado ao Estado.

A Companhia de Jesus não era uma instituição homogênea em toda a Europa, como poderia parecer a princípio. Os jesuítas possuíam uma visão de mundo ancorada na Escolástica, porém esse fato não impediu completamente a penetração de idéias modernas.²⁵⁴ Até mesmo Boscovich, o jesuíta italiano que focalizamos no terceiro capítulo, mostrou-se

²⁴⁸ Ibid., p.6.

²⁴⁹ Ibid., p.14.

²⁵⁰ FALCOM, Francisco Calazans. **Revista de História das Idéias**. “Período pombalino como aquele conjunto de medidas impostas ao Estado como imprescindíveis e inadiáveis para a manutenção desse mesmo Estado” A partir dessa idéia de um Historiador ele indica uma atenuação da importância da perspectiva ilustrada para o período. Ver p.526.

²⁵¹ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da ordem*. GAUER, Ruth Maria Chittó. **A construção do Estado-Nação no Brasil: a contribuição dos egressos de Coimbra**. Curitiba: Juruá, 2001

²⁵² ANDRADE, Maria Ivone de Ornellas. **José de Agostinho Macedo: um iluminista paradoxal**. Lisboa: Edições Colibri, 2001. p. 20.

²⁵³ Regalismo é o termo cunhado pela historiografia para designar a política de Pombal. De forma sucinta, significava fazer do poder sacral um aparelho ideológico do Estado. Cf. DIAS, J. S. da S. **Pombalismo e Projeto Político**.

²⁵⁴ Cf. SILVA, Lúcio Craveiro da. **Um jesuíta no contexto das Luzes: Inácio Monteiro (1724-1812)**. In: CALAFATE, Pedro (dir). **História do Pensamento Filosófico Português**. – As Luzes. Lisboa : Caminho, 2001. v.3 – A-S, p.177-197.

bem atualizado sobre as principais querelas filosóficas do século XVIII.²⁵⁵ Nesse sentido, torna-se questionável a afirmação de que os jesuítas foram os culpados pelo atraso cultural português do período.²⁵⁶ Assim como é exagerada a opinião de que a Companhia possuía o monopólio cultural português do século XVIII.²⁵⁷ Afinal, quem saberá dizer se eles não se teriam adaptado às reformas se não tivessem sido expulsos? Ou, quem sabe, Pombal, se pudesse, não teria evitado toda reformulação necessária do corpo docente português, depois da saída dos jesuítas? Tais especulações permanecerão em aberto, tendo em vista que a conjuntura política da época, aliada ao conservadorismo cultural da Companhia, obrigou, ou melhor, desencadeou a expulsão da Ordem em todo o Império.

Paradoxalmente, o mais perto que chegou Portugal da experiência das idéias revolucionárias foi com a Inconfidência Mineira. Talvez Portugal tenha tido o privilégio de experimentar, dentro de sua colônia, um movimento crítico literário, típico das sociedades do Iluminismo.²⁵⁸

Na polêmica em torno do Verdadeiro Método, particularmente o texto de um de seus principais opositores, como foi analisado, representa carência de elementos que caracterizam o debate iluminista. A autoridade pesa mais do que o argumento crítico em seu discurso.

O papel da Universidade de Coimbra deve ser relativizado, quando se procura associá-lo ao conceito de Iluminismo. Embora estivesse permeável a todo tipo de idéias e fosse local privilegiado do conhecimento, oficialmente não se caracterizava pelo estilo livre dos debates críticos. E, em certa medida, seria possível estabelecer uma relação de oposição com o Iluminismo. Verney estava propondo a base de outra esfera de discussão, uma “república das letras portuguesas”:

Um homem que verdadeiramente é douto e tem pensamentos proporcionados não deve mostrar excesso sobre as pessoas com quem fala. Primeiramente, é ridícula e afetação introduzir textos latinos quando não são necessários. Ainda quando a conversação é erudita, se

²⁵⁵ Sobre o jesuíta italiano Boscovich, Casini sugere até mesmo uma antecipação das teorias de Einstein Cf. CASINI, Paolo. **Óptica, astronomia, relatividade**: Boscovich em Roma, 1738-1748. In: Newton e a Consciência Européia. São Paulo : UNESP, 1995. p. 147-177.

²⁵⁶ Segundo DIAS, “os jesuítas percorreram rapidamente o caminho da cultura moderna. Ao serem expulsos em 1759, estavam em dia com os conhecimentos científicos e achavam-se integrados no ambiente filosófico de setecentos, como os próprios adversários reconhecem”. Cf. DIAS, José Sebastião da Silva. **Portugal e a Cultura Européia**. Coimbra : Editora Coimbra, 1952, p. 253.

²⁵⁷ Veja-se o papel importante da Congregação do Oratório, a qual formou intelectuais ilustres como o próprio Veney. Cf. DIAS, José Sebastião da Silva. O Papel da Congregação do Oratório. In: _____. **Portugal e a Cultura Européia**. Coimbra : Editora Coimbra, 1952.

²⁵⁸ Sobre esta questão, conferir artigo de Falcon em que discute sobre uma historiografia tradicional que sempre tratou os movimentos revolucionários da colônia como efeito direto da Ilustração Pombalina. FALCON, Francisco José Calazans. Universidade(S) História Memória e Perspectivas. **Actas 5**. Congresso História da Universidade & 7º Centenário. Coimbra, 1991, p.105.

acaso não se faz expressa matéria dos ditos textos, é puerilidade e afetação dizê-los em Latim; porque deve-se entender que uma coisa é escola, e outra conversação.²⁵⁹

O monopólio virtual da educação superior desfrutado pelas universidades foi posto à prova no século XVIII.²⁶⁰ Além de possuir um programa disciplinar, o uso da razão neste ambiente era estruturado pelos valores de autoridade. A própria importância da Academia de Ciências de Portugal deve ser repensada, na medida em que era uma extensão das atividades da Universidade. A comunidade acadêmica de Coimbra, na sua especificidade, reflete a cultura portuguesa da época, marcada por uma inércia de debates, ficando à margem do processo de construção de um novo conhecimento sobre o homem,

Acima de tudo, a Reforma da Universidade está enquadrada dentro do projeto político de Pombal, uma política regalista, promovendo o avanço do Estado em direção aos demais setores da sociedade. “A Universidade, a partir da reforma, acabou sendo um organismo estatal, exclusivamente a serviço dos ideais éticos-políticos do próprio Estado”.²⁶¹ Não se duvida que a Reforma da Universidade tenha permitido colocar Portugal no mesmo nível da Europa “iluminada” do seu tempo, em nível de ensino. Questionamos a capacidade de Portugal de promover um ambiente de debates próprio do Iluminismo no século XVIII. Em contrapartida, não se nega a existência de iluministas como Verney. O indivíduo não é determinado pelas redes, tem margem de manobra, mas deve ser compreendido à luz da estrutura social na qual está inserido.

Entendemos que as sociedades do Iluminismo constituíram-se como um novo espaço público, uma modalidade alternativa de representações à parte do âmbito institucionalizado do poder político. Uma “esfera pública política” provém de uma “esfera pública literária” e se constitui em um espaço onde pessoas privadas fazem uso público da razão.²⁶² Nesse aspecto, é interessante a apropriação dos conceitos kantianos de “uso público” e “uso privado” da razão para analisar o Iluminismo. O uso que de sua razão faz um educador, em exercício de sua função, é uso privado, porque se trata simplesmente de uma reunião de família, por maior que esta possa ser (uma assembléia, um exército, um Estado).²⁶³ A categoria de privado está

²⁵⁹ V.M. **Estudos Médicos Jurídicos e Teológicos**, v. 4, p.129.

²⁶⁰ BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003. p.47. Para BURKE, “as universidades podem ter continuado a desempenhar sua função tradicional de ensinar efetivamente, mas não eram, em termos gerais, os lugares em que se desenvolviam as idéias novas. Sofriam do que já foi chamado de “inércia institucional”, mantendo suas tradições corporativas ao preço do isolamento em relação às novas tendências.” p.51. Sobre esta questão ver também DIAS. Op.cit, p.80

²⁶¹ Op.cit. , GAUER, p.125.

²⁶² CHARTIER, Roger. **Espacio Público, Crítica y desacralización en el siglo XVIII** : Los orígenes culturales de la Revolución francesa. Barcelona : Gedisa, 1991. p. 33.

²⁶³ Op.cit. p.38

relacionada à natureza da comunidade que faz uso do entendimento.²⁶⁴ O espaço público se opõe ao privado, na medida em que este está relacionado à dominação. O uso público da razão constitui-se por um sábio que se dirige a um público que lê e escreve, está ancorado em uma comunidade que não está definida pelo seu pertencimento institucional.²⁶⁵ “O público necessário para o advento da Ilustração, cuja liberdade não pode ser limitada, está constituído assim por indivíduos que possuem os mesmos direitos, que pensam por si mesmos e falam em nome próprio, e que se comunicam por escrito com seus semelhantes.”²⁶⁶

Embora não se possa negar o conteúdo utópico da proposta do Iluminismo e a censura que o acompanhou durante seu percurso, procurou-se, neste trabalho, focar acima de tudo a natureza crítica do movimento. Como define Habermas: “Só mediante a apropriação crítica da filosofia, da literatura e da arte é que também o público chega a se esclarecer, até mesmo a se entender como processo vivo do Iluminismo.”²⁶⁷

Dentro dessa premissa, a Universidade não seria objeto pertinente de análise. Portanto, os documentos da Reforma da Universidade devem ser percebidos no contexto da apropriação por parte do Estado de setores que anteriormente eram administrados pela Igreja, como o ensino e a Inquisição. Os principais documentos da Reforma, o *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra* (1771) e os *Estatutos da Universidade de Coimbra* (1772) revelam o caráter eminentemente político das ações empreendidas por Pombal, ou seja, se orientavam de acordo com o “projeto político” de Pombal. Os jesuítas são representados como tiranos que se apoderaram do Reino e destruíram a Universidade. Os Estatutos jesuíticos teriam sido responsáveis pela destruição de todos os campos do saber: as artes, as ciências e as aulas de todo o reino. Houve – segundo o *Compêndio Histórico* – a destruição do corpo da Universidade e o sepultamento da monarquia portuguesa”.²⁶⁸

A partir disso, o Estado Português redefiniu o que poderia ser lido e publicado oficialmente. Portanto, necessário se distanciar da perspectiva que não distingue o reformismo do que procuramos caracterizar como Iluminismo.²⁶⁹ Esse processo de reforma foi conduzido por um grupo de “intelectuais” portugueses, que vivenciaram o cotidiano de outras sociedades da Europa. Pombal passou grande parte de sua vida na Inglaterra e na corte austríaca, antes de

²⁶⁴ idi.

²⁶⁵ idi.

²⁶⁶ idi.

²⁶⁷ Op.cit. HABERMAS, p. 58.

²⁶⁸ Op.cit. GAUER, p.122.

²⁶⁹ Embora não seja esta a problemática da autora, destacamos como tem sido aplicado o conceito de Iluminismo para o caso português. “O Iluminismo português difundiu-se através de reformas legislativas que se iniciaram no governo de D. José e estenderam-se, embora com menor intensidade, até o governo de D.Maria.” GAUER, Ruth Maria Chittó. **A modernidade Portuguesa e a Reforma Pombalina de 1772**. Porto Alegre : Edipucrs, 1996, p. 68.

assumir o posto de ministro. Verney deixou Portugal aos 22 anos e nunca mais retornou. A grande maioria dos portugueses ilustrados, que tiveram contato com o Iluminismo, eram criticados como “estrangeirados” por aderirem às idéias “importadas” de outros reinos.

Nesse sentido, é curioso observar que em Portugal parece ter ocorrido algo diferente, comparando-se com os demais centros europeus. Em Portugal, foi o Estado que submeteu a cultura tradicional, adequando as instituições, ao contrário do que aconteceu com as sociedades onde o Iluminismo aflorou. Parece haver uma inversão de polaridade: o Estado e o campo da “opinião pública” deveriam estabelecer uma dualidade, condição *sine qua non* para haver o que Kosellek chama de crítica.²⁷⁰ Na tentativa de explicar a crise de Portugal no século XVIII através do pensamento de Kosellek, é necessário uma adversão conceitual. Podemos aplicar sistematicamente os conceitos de Absolutismo e Iluminismo de forma análoga para toda a Europa do século XVIII?

Apesar da pluralidade semântica do Iluminismo, procuramos apresentá-lo de forma mais consistente, que permitisse uma comparação de Portugal com os centros mais expressivos da Europa. Iluminismo Católico, Iluminismo Reformista, Despotismo esclarecido, Iluminismo e Mercantilismo, estas formas de expressão, utilizadas por autores para caracterizar o que se passou no século XVIII português no campo das idéias, são conceitos que remetem a uma deformação do arquétipo de Iluminismo na sua expressão clássica. Acreditamos que as distâncias de Portugal em relação a esse processo se devem mais à fragilidade das instituições da “esfera pública literária” do que ao peso da religião na cultura portuguesa.

No pequeno recorte que fizemos do século XVIII português, não identificamos nenhuma institucionalização da idéia de cafés, salões e associações, nenhuma concepção de “público”, tão caras à realidade de uma “esfera pública literária”. Concluimos que existe impossibilidade de se compreender o Iluminismo como sendo simplesmente produto do conflito entre fé e razão e como resultado da luta contra o poder da Igreja, é muito mais complexo do que isto, principalmente para o século XVIII português.

Verney é a testemunha de que Portugal estava atrasado em relação ao que acontecia na Europa. Para que Portugal fosse iluminado, fazia-se necessário mais “conversação” e menos

²⁷⁰ Esta questão será discutida no Capítulo I. Kosellek estabelece uma dualidade necessária entre o campo da moral – que contém a consciência do bem e do mal, do certo e do errado, da mentira e da verdade, das idéias que substituiriam a fonte da moral da Religião – e o campo político – da ação onde a vontade é expressa através do monarca, para que possa haver crítica. O movimento iluminista desenvolveu-se a partir do Absolutismo, no início como sua consequência interna, em seguida como sua contraparte dialética, e como inimigo que preparou a sua decadência. Cf. KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise** : uma contribuição à patogeneza do mundo burguês. Rio de Janeiro : EDUERJ : Contraponto, 1999, p. 19.

escola. O estilo livre, crítico, dependia de espaços de publicação, à margem do Estado, à margem da “reprodução social”.²⁷¹

²⁷¹ Segundo Raymond WILLIAMS, só no século XVIII é que “arte” e “cultura” passam a ter o seu significado moderno de uma esfera separada da reprodução social, ou seja, uma esfera que possuía autonomia própria, sobretudo quando é transposta progressivamente ao longo do século XVIII para a forma de mercadoria. Cf. HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003. p.52.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, António Alberto Banha de. **Verney e a projeção de sua obra. Portugal** : Instituto de Cultura Portuguesa, 1980.

ANDRADE, Maria Ivone de Ornellas. **José de Agostinho Macedo: um iluminista paradoxal.** Lisboa : Colibri, 2001.

ARAÚJO, Ana Cristina Bartolomeu. Modalidades de Leitura das Luzes no Tempo de Pombal. **Revista de História.** Porto, v.10, 105-127, 1990.

ARTOLA, Miguel. **Los afrancesados.** Madrid : Alianza, 1989

AVELLAR, Hélio de Alcantara. A Administração Pombalina. In: **História Administrativa do Brasil.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

BAUMER, Franklin L. **O pensamento Europeu Moderno.** Séculos XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977. v.1

BELO, André. A Gazeta de Lisboa e o terramoto de 1755: a margem do não escrito. Instituto de Ciências Sociais da Universidade Lisboa: **Análise Social**, v. 34, n. 151-152, Inverno, 2000.

BOXER, C.R. **A Idade de Ouro no Brasil.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1963.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia** : de Gutemberg à internet. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2004.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia.** São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento** : de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003.

BURKE, Peter. A esfera pública 40 anos depois. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 16 de set., de 2004. p.2-6.

CALAFATE, Pedro (dir). **História do Pensamento Filosófico Português.** – As Luzes. Lisboa : Editora Caminho, A-S, 2001. v.3

CARDIM, Pedro. **Análise Social. Meu Pai e meu Senhor muito do meu coração.** Correspondência do Conde de Assumar para seu pai, o Marquês de Alorna, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, v.36, n.158-159, 2001.

GAUER, Ruth Maria Chittó. **A construção do Estado-Nação no Brasil:** a contribuição dos egressos de Coimbra. Curitiba: Juruá, 2001

CARVALHO, José Murilo de. **História Intelectual no Brasil:** a retórica como chave de leitura. Rio de Janeiro : Topo, n.1, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **Teatro de Sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, [19--?]

CASINI, Paolo. **Newton e a Consciência Européia**. São Paulo: Unesp, 1995.

CASSIRER, Ernst. **Filosofia de la Ilustracion**. Mexico : Fondo de Cultura Economica, 1963.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.

CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, v. 7, n.13, 1994.

CHARTIER, Roger. **Espacio Público, Crítica y desacralización en el siglo XVIII** : Los orígenes culturales de la Revolución francesa. Barcelona : Editorial Gedisa, 1991.

CHÂTELET, François. **Uma História da Razão** : entrevistas com Emile Noel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CHAUNU, Pierre. **A Civilização da Europa das Luzes**. Lisboa : Editorial Estampa, 1985

COSER, Lewis A. **Hombre de Ideas: el punto de vista de un sociólogo**. México: Fondo de Cultura Económica, [19--?].

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington** : um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo : Companhia das Letras, 2005.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo : Nova Cultural, 1991.

DIAS, José Sebastião da Silva. **Portugal e a Cultura Européia**. Coimbra : Editora: Coimbra, 1952.

DIAS, José Sebastião da Silva . O Ecletismo em Portugal no século XVIII: Gênese e destino de uma atitude Filosófica. **Separata da Revista Portuguesa de Pedagogia** Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1972.. v. 4, 1972.

DOMINGUES, Francisco Contente. **Ilustração e Catolicismo** : Teodoro de Almeida. Lisboa : Colibri, 1994.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e a aristocracia de corte. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2001.

FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada**. São Paulo: Ática, 1982.

FALCON, Francisco José Calazans. Universidade(S) História Memória e Perspectivas. Actas 5. Congresso História da Universidade & 7º Centenário. Coimbra, 1991

FERNÁNDEZ, Celso Almuiña. Os meios de comunicação na crise do Antigo Regime entre as “vozes vagas” e a dramatização da palavra. In: **Antigo Regime e Liberalismo, homenagem a Miguel Artola**. Madrid : Alianza Editorial, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1997.

FRANÇA, José Augusto. **Lisboa Pombalina e o Iluminismo**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

GARIN, Eugênio. **Ciência e vida civil no Renascimento Italiano**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1986.

GAUER, Ruth Maria Chittó. **A modernidade Portuguesa e a Reforma Pombalina de 1772**. Porto Alegre : Edipucrs, 1996

GAY, Peter. **The Enlightenment**: an interpretation. New York : [s.n.], 1969.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública** : investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003.

HAWTHORN, Geoffrey. **Iluminismo e Desespero**: uma história da Sociologia. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir). Administração, Economia, Sociedade. In: **História Geral da Civilização Brasileira**. A Época Colonial. 7.ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1993. t.1.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise** : uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro : EDUERJ : Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. Um história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.10., n.10, 1992.

KOYRÉ, Alexandre. **Estudos Históricos do Pensamento Científico**. Brasília : Ed. Universidade de Brasília, 1982.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das Revoluções científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

LISBOA, João Luís. **Ciência e Política**: Ler nos finais do Antigo Regime. Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991.

LOCKE, John. **Ensaio Acerca do Entendimento Humano**. São Paulo : Nova Cultural, 1991. Os Pensadores, v.9.

MARQUES, A.H de Oliveira. **Breve História de Portugal**. Lisboa : Presença, 1998.

MARTINS, Oliveira. **História de Portugal**. 17.ed. Lisboa: Guimarães e Cia Editores, 1977.

MATOS, Olgária C. F. **A escola de Frankfurt**: luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo : Moderna, 1993.

MATTOSO, José. **História de Portugal**. Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1998. v.4

MAXWELL, Kenneth. **O Marquês de Pombal**: paradoxo da iluminismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

NEWTON, Isaac. **Princípios matemáticos**. São Paulo : Nova Cultural, 1991. Os Pensadores.

PAIM, Antonio (org). **Pombal e a cultura brasileira**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1982.

PRADO, Bento. Razão e Iluminismo, ou os Limites da Alfrkarung. **Vozes Cultura**, v. 88, n.5, set./out., 1994.

PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. Ricard Rorty e a questão das representações em Filosofia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs). **Representações : Contribuições a um debate transdisciplinar**. Campinas(SP) : Papirus, 2000.

RAMOS, Luis de Oliveira. Pombal e o Escravagismo. **Revista da Faculdade de Letras. LISBOA**, 168-178.

RAMOS, Rui. Nas origens da “Lenda Negra” : as viagens filosóficas do século XVIII português. **Penélope. Fazer e desfazer a História**, n.4, nov, 1989.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Dilemas da Moral Iluminista**. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Ética**. São Paulo : Secretaria Municipal de Cultura : Companhia da Letras, 2002.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Para viverem juntos em povoações bem estabelecidas**. Curitiba: UFPR, 1999.

SERRÃO, José Vicente. Pensamento Econômico e Política Econômica no período pombalino : O caso de Ribeiro Sanches. **Ler História**, n. 9, 1986.

SILVA DIAS, José Sebastião da. **Pombalismo e Projeto Político**. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova Lisboa, 1984.

SOARES, Álvaro Teixeira. **O Marquês de Pombal**. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1983.

STAROBINSK, Jean. **A invenção da Liberdade, 1700-1789**. São Paulo: UNESP, 1994.

TENGARRINHA, José. **História da imprensa periódica portuguesa**. Lisboa : Portugal, 1995.

WEBER, Max. **Fundamentos da sociologia**. Porto : Rés, v.14, p.36-38. Coleção Teoria e Conhecimento.

ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Pensamento Medieval**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

FONTES

Gazeta Literária ou Notícia Exata dos Principais escritos, que modernamente se vão publicando na Europa. Porto : Na oficina de Francisco Mendes Lima, novembro de 1761. Por Francisco Bernardo de Lima.

ARAÚJO, José de. **Reflexões Apologéticas** a obra intitulada Verdadeiro Método de Estudar. Valência : Na oficina de Antonio Balle, 1748.

VERNEY, Luis Antonio de. **Respostas as Reflexões que o R.P.M.Fr. Arsenio da Piedade Capucho fez ao Livro intitulado** : Verdadeiro Método de Estudar. Valência : Na oficina de Antonio Balle, 1748.

VERNEY, Luis Antonio. **Verdadeiro Método de Estudar**. Lisboa : Livraria Sá da Costa – Editora, 1950.

V. I – Constituído pelas Cartas I a IV. Língua Portuguesa, Gramática Latina, Latinidade e Língua Orientais. Intitulado: **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**.

V. II – Constituído pelas Cartas V a VII. Retórica e Poesia. Intitulado: **ESTUDOS LITERÁRIOS**.

V. III – Constituído pelas Cartas VIII a XI. Lógica, Metafísica, Física e Ética. Intitulado: **ESTUDOS FILOSÓFICOS**.

V. IV – Constituído pelas Cartas XII a XIV. Medicina, Direito Civil e Teologia. Intitulado: **ESTUDOS MÉDICOS, JURÍDICOS E TEOLÓGICOS**.

V. V – Constituído pelas Cartas XV a XVI. Direito Canônico e Regulamentação geral dos Estudos. Intitulado: **ESTUDOS CANÓNICOS – REGULAMENTAÇÃO – SINOPSE**.